



**UNIVERSIDADE CATÓLICA DO SALVADOR  
PRÓ-REITORIA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM FAMÍLIA NA SOCIEDADE  
CONTEMPORÂNEA**

**ILMARA SAMPAIO ARAÚJO**

**SONHO DE FUTURO:  
DESEJO DE VIDA FUTURA DE ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM A  
FAMÍLIA**

Salvador  
2021

**ILMARA SAMPAIO ARAÚJO**

**SONHO DE FUTURO:  
DESEJO DE VIDA FUTURA DE ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM A  
FAMÍLIA**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador como requisito parcial para obtenção do título de mestre.

Orientadora: Profa. Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá

Salvador

2021

UCSAL. Sistema de Bibliotecas

A663 Araújo, Ilmara Sampaio

Sonho de futuro: desejo de vida futura de adolescentes e sua relação com a família / Ilmara Sampaio Araújo. – Salvador, 2021. 88 f.

Dissertação (Mestrado) - Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá.

1. Adolescente 2. Desejo 3. Futuro 4. Família I. Sá, Sumaia Midlej Pimentel – Orientadora II. Universidade Católica do Salvador. Pró-Reitoria de Pesquisa e Pós-Graduação. III. Título.

CDU 316.356.2-053.6

## TERMO DE APROVAÇÃO

**ILMARA SAMPAIO ARAÚJO**

### **“SONHO DE FUTURO: DESEJO DE VIDA FUTURA DE ADOLESCENTES E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA”**

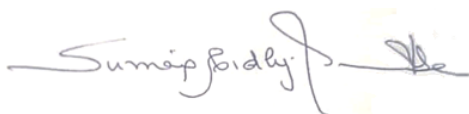
Dissertação aprovada como requisito parcial para obtenção do grau de Mestre em Família na Sociedade Contemporânea da Universidade Católica do Salvador.

Salvador, 29 de março de 2021.

Banca Examinadora:



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Sumaia Midlej Pimentel Sá - Orientador(a) - UCSAL**



**Prof<sup>a</sup>. Dr<sup>a</sup>. Maria Thais de Andrade Calasans - EBMSP**



**Prof. Dr. José Eduardo Ferreira Santos - UCSAL**

## AGRADECIMENTOS

Agradeço, inicialmente, a Deus, uma força maior que nos move e nos mantém vivos.

A todos que, de alguma maneira, me incentivaram a iniciar e a continuar nessa jornada.

A toda minha família, de coração.

Ao meu pai, João Alberto (*in memoriam*) – eu sei que, de onde estiver, de sua maneira única, está orgulhoso de sua filha –. Minha eterna saudade.

À minha mãe, Auxiliadora, por seu amor incondicional, sua maneira sábia de levar a vida e por sempre nos incentivar intelectualmente.

Às minhas irmãs, Cristina, Suzana, Mônica, e ao meu irmão, Mateus, pelo apoio de todas as horas, cada um com seu jeito mais que especial; sem eles eu não saberia viver.

Ao meu esposo Mauricio, meu maior incentivador, companheiro, amigo; meu amor de todas as horas. Em frente. Vamos conseguir! Obrigada por tanto.

À minha filha, Mila, por me fazer entender as fases da vida desde seu nascimento, infância, adolescência e adulto jovem e por demonstrar todos os dias que a felicidade é o que importa. Eu te amo Mi.

Aos meus sobrinhos, sobrinhas, cunhados e cunhada que ajudam a tornar a nossa convivência familiar leve. Vocês moram no meu coração.

Às minhas amigas (não citarei nomes para não incorrer em injustiça) que sempre me incentivaram em meus projetos profissionais.

À minha orientadora, professora Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá. Que sorte a minha tê-la como orientadora. Sua delicadeza, serenidade, atenção e disponibilidade me ajudaram a continuar. Obrigada por me guiar sempre com confiança, demonstrando de maneira clara e objetiva como trilhar e caminhar em cada fase da construção deste trabalho. Serei eternamente grata.

Aos membros da Banca de Qualificação, professor Dr. José Eduardo Ferreira Santos e professora Dra. Maria Thais de Andrade Calasans, pelas considerações que ajudaram a melhorar meu trabalho. Toda minha admiração a vocês.

À gestão e a todos os funcionários do CEZA (Centro de ação comunitária e filantrópica Zilda Aranha), organização não governamental na qual ocorreu esta pesquisa, por serem sempre tão disponíveis e corteses, possibilitando o acesso aos alunos e a seus responsáveis. O trabalho de vocês nos faz acreditar em um futuro melhor para os adolescentes.

Às famílias e aos adolescentes que participaram desta pesquisa por estarem, a todo o momento, dispostos a colaborar.

A todos os funcionários do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea por todo apoio.

Aos professores do Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea que, através de suas reflexões, muito contribuíram na consecução deste trabalho ao longo do curso.

Agradeço aos colegas do Programa de Pós Graduação em Família na Sociedade Contemporânea que estiveram nesta trajetória e que, por meio de suas pesquisas e discussões, engrandeceram minha vivência acadêmica e me ajudaram a enxergar a vida através de vários prismas.

Por fim, não poderia deixar de citar e agradecer aos milhares de profissionais que estão ligados direta e indiretamente a esta pandemia por COVID-19 que estamos vivenciando. Deixo aqui a certeza de que nada é permanente e de que tudo passa. Juntos, com coerência, muito estudo, ciência e fé, venceremos.

*De tudo ficaram três coisas...*  
*A certeza de que estamos começando...*  
*A certeza de que é preciso continuar...*  
*A certeza de que podemos ser interrompidos*  
*antes de terminar...*  
*Façamos da interrupção um caminho novo...*  
*Da queda, um passo de dança...*  
*Do medo, uma escada...*  
***Do sonho, uma ponte...***  
*Da procura, um encontro!*  
*(Fernando Sabino, "O encontro marcado").*

## RESUMO

Este estudo analisa o desejo de vida futura de adolescentes de baixa renda frequentadores de uma organização não governamental (ONG) na cidade de Camaçari, Bahia. Pretendeu-se conhecer os desejos de vida referentes ao futuro pessoal e profissional destes adolescentes e identificar se há relação entre estes desejos e a família. O referencial teórico utilizado para traçar um paralelo entre a interação do adolescente e o contexto em que está inserido e os desejos para o futuro foi a teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano formulada por Bronfenbrenner. Participaram desta pesquisa quinze adolescentes de ambos os sexos, que se encontravam entre 10 a 15 anos de idade e matriculados há mais de um ano no Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha (CEZA). O estudo utilizou como metodologia a pesquisa qualitativa exploratória, e para a coleta de dados a entrevista semiestruturada. Os resultados evidenciaram nos desejos para o futuro, uma ambiguidade de sentimentos, entre a necessidade financeira e a satisfação dos sonhos mais pessoais, os quais sofreram influências de aspectos tais como gênero, religião e maturidade. A família, para estes adolescentes, tem poder agregador e afetivo, o que se reflete no desejo para o futuro. Ressalta-se a necessidade de novos estudos com a ampliação do número de participantes e a idade dos adolescentes, englobando novos ambientes, os quais vão possibilitar maior conhecimento acerca dos desejos de futuro dos adolescentes e, conseqüentemente, contribuir para a criação de políticas públicas que contemplem estes indivíduos e suas famílias.

**Palavras-chave:** Adolescente. Desejo. Futuro. Família.



## ABSTRACT

This study analyzes the desires and dreams for the future life of low-income adolescents who attend a non-governmental organization (NGO) in the city of Camaçari, Bahia. The study intended to discover the adolescents' goals and dreams for life regarding their personal and professional future and to identify if there was an association between these goals and dreams and their family relationships. The Bioecological Theory of Human Development was the framework used to draw a parallel between the adolescent's interaction with their social context and their wishes for their future. Adolescents of both genders, ages between 10 and 15 years old, and those who were enrolled for over one year at the Community and Philanthropic Action Center Zilda Aranha (CEZA) participated in this research. The study used qualitative exploratory research as a methodology, and semi-structured interviews were used for data collection. The results of this study showed an ambiguity in feelings for the future, concerning the financial needs and the satisfaction of their most personal dreams, in which gender, religion, and maturity level influenced their responses. For these adolescents, the family has a gathering, nurturing, and sentimental power, which influences longing for their future. The need for further studies is emphasized with the increase of the number of adolescents, a wider age range, as well as additional settings that will enable further knowledge about the adolescents' future desires and consequently contribute to the creation of effective public policies that consider the adolescent and their families.

**Keywords:** Adolescent. Wish. Future. Family

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

CEZA – Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha

CCEB – Critério de Classificação Econômica Brasil

CHS – Ciências Humanas e Sociais

CNS – Conselho Nacional de Saúde

COVID-19 – Corona Vírus Disease-2019

ECA – Estatuto da Criança e do Adolescente

ENEM – Exame Nacional do Ensino Médio

IES – Instituição de Ensino Superior

MS – Ministério da Saúde

OMS – Organização Mundial da Saúde

ONG – Organização não governamental

ONU – Organização das Nações Unidas

PDI – Plano de Desenvolvimento Institucional

PPCT – Pessoa, Processo, Contexto e Tempo

PNAD – Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios

PPGFSC – Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea

TALE – Termo de Assentimento Livre e Esclarecido

TCLE – Termo de Consentimento Livre e Esclarecido

UCSAL – Universidade Católica do Salvador

UNICEF – Fundo das Nações Unidas para a Infância

## SUMÁRIO

<b>1</b>	<b>INTRODUÇÃO</b> .....	10
<b>2</b>	<b>O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA</b> .....	15
2.1	O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA.....	18
2.2	ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL .....	24
2.3	A ADOLESCÊNCIA, SONHOS E A CONSTRUÇÃO DO FUTURO.....	26
<b>3</b>	<b>TEORIA BIOECOLÓGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO</b> .....	31
<b>4</b>	<b>ESTRATÉGIA METODOLÓGICA</b> .....	36
4.1	CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO.....	37
4.1.1	<b>Local do estudo</b> .....	37
4.1.2	<b>Participantes da pesquisa</b> .....	40
4.1.3	<b>Técnicas empregadas e procedimentos da coleta</b> .....	40
4.2	ANÁLISE DOS DADOS.....	42
4.3	ASPECTOS ÉTICOS.....	42
<b>5</b>	<b>DO SONHO, UMA PONTE: ANALISANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA</b> .....	44
5.1	DESEJO DE FUTURO.....	46
5.2	FUTURO E FAMÍLIA.....	58
<b>6</b>	<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	62
	<b>REFERÊNCIAS</b> .....	65
	<b>APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO</b> .....	74
	<b>APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA</b> .....	75
	<b>APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO</b> .....	76
	<b>APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE</b> .....	78
	<b>APÊNDICE E – TERMO DE ANUÊNCIA PARA A PESQUISA</b> .....	80
	<b>APÊNDICE F – TERMO DE ANUÊNCIA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO</b> .....	81
	<b>ANEXO A – PARECER COMITÊ DE ÉTICA</b> .....	82
	<b>ANEXO B – CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA DO</b>	83

**BRASIL – ABEP.....**

## 1 INTRODUÇÃO

O adolescente se faz presente nas diversas áreas em que eu transito. Como enfermeira, com especialização em pediatria e neonatologia, atuo como docente e ministro a disciplina Saúde da criança e do adolescente em uma Instituição de Ensino Superior (IES) da cidade de Lauro de Freitas, Bahia. Durante a prática da disciplina, realizamos consulta de enfermagem no Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha (CEZA), uma organização não governamental (ONG), localizada em Abrantes, no município de Camaçari-BA, que atende a crianças e adolescente pertencentes a uma população de baixa renda<sup>1</sup>.

Iniciei minha vida profissional como enfermeira, influenciada por uma prima que trabalhava em um hospital privado que estava inaugurando um novo setor: o de neonatologia. Ao investir nesta área da atenção à saúde da criança, apaixonei-me por este trabalho e lá permaneci por vinte e oito anos. Nessa instituição, assim como nas outras em que trabalhei, o(a) enfermeiro(a) que atuava na neonatologia também prestava assistência no centro obstétrico. Paralelo ao trabalho no hospital, sempre exerci outras atividades, entre elas, a docência. Ao aposentar-me, afastei-me da área assistencial, permanecendo como docente em cursos de pós-graduação e de graduação. Ainda quando estava trabalhando na assistência à saúde, optei por ingressar no Programa de Pós-Graduação em Família na Sociedade Contemporânea (PPGFSC) como aluna especial, com isto, eu tive meu primeiro contato com a temática família; as discussões proporcionadas pelos professores nas aulas encantaram-me, então, após a aposentadoria, prestei seleção e ingressei como aluna regular no programa.

O contato frequente com a população adolescente na esfera pessoal e profissional, nas suas mais diversas fases do desenvolvimento, fizeram-me refletir sobre o futuro destes indivíduos. Tal reflexão gerou questionamentos acerca dos desejos dos adolescentes frequentadores do CEZA em relação a seu futuro e se estes desejos sofrem influência da família.

---

<sup>1</sup> O critério utilizado para definir baixa renda é o da Classificação Econômica Brasil (CCEB) que classifica as pessoas e famílias urbanas em classes econômicas e estima o seu poder de compra (ANEXO B).

A expectativa do futuro nasce da individualidade e da singularidade de cada um, o que engloba fatores sociais, econômicos, culturais e tem a família como base, na maioria das vezes. Segundo William Damon (2009), a essência da vida de um indivíduo é permeada por projetos, objetivos e propósitos que buscam, dentro dos princípios morais, a felicidade individual e coletiva. O autor denomina estes como “projetos vitais nobres”, defendendo que sem esses projetos a maioria dos jovens fica desestimulada, vulnerável e sem rumo.

No mundo contemporâneo as mudanças estão cada vez mais regulares e frenéticas, com isto o cenário global da sociedade vem sendo modificado e traz questionamentos em relação a qual posição o adolescente vai ocupar no futuro diante das circunstâncias que lhes são impostas (ABRAMOVAY; ANDRADE; ESTEVES, 2007). Sabe-se que a adolescência surge da significação pelo ser humano de momentos, interpretados através da sociedade a depender do contexto histórico e social que esta é vivenciada (TUDGE, 2012). Na contemporaneidade, em razão das atuais exigências do mercado de trabalho que buscam profissionais cada vez mais qualificados, a adolescência tem se estendido, no sentido de que estes indivíduos têm aumento o tempo de estudos e, conseqüentemente, adiado os projetos futuros. As dificuldades impostas pela vida muitas vezes atropelam os projetos criados e desejados pelos adolescentes, porém, se estes mantiverem os seus objetivos e propósitos para o seu futuro, os obstáculos encontrados poderão ser transformados em oportunidades, que lhes renderá uma vida melhor (DAMON, 2009).

No decorrer da adolescência, o adolescente experimenta um período permeado por intensas mudanças. Verifica-se, nesta fase, a influência de forças produtoras que são caracterizadas pelos diversos ambientes e relações que o indivíduo experimenta, relacionadas ao ingresso em novas possibilidades para o futuro (ABREU; RABINOVICH, 2018). Diante disso, optou-se por utilizar, nesta pesquisa, como fundamentação teórica a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, formulada por Bronfenbrenner em 1977, a qual leva em consideração os mecanismos primários, entendidos pelas características biopsicológicas e a sua forma particular de interagir ao longo do tempo. Esses mecanismos primários ocorrem no decorrer da vida da pessoa em desenvolvimento e variam a depender das características pessoais, dos locais em que ocorrem os processos, da natureza dos aspectos do desenvolvimento estudados, das continuidades e das mudanças de

cunho social que acontecem no período histórico durante o qual esta viveu. A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano está pautada no modelo PPCT - pessoa, processo, contexto e tempo, a qual entende o desenvolvimento como um processo mútuo entre o indivíduo e o ambiente. Desse modo, esta teoria consegue analisar os processos interativos que influem no desenvolvimento humano, em períodos determinados (TUDGE, 2012; LEÃO; SOUZA; CASTRO, 2015).

A família na sociedade é vista como o grupo responsável por proteger e contribuir para o desenvolvimento dos seus componentes, com o intuito de inseri-los no meio social, de acordo com o período histórico em que esta se encontra (BARRETO, RABELO, 2015). Nesse sentido, é importante que cada membro da família, assuma com destaque, sua função representativa nesse grupo. Estudos mostram a importância e a influência do papel da família na escolha profissional, abordando como acontecem estas manifestações e o reconhecimento pelo jovem da necessidade de ajuste destas escolhas aos seus desejos, culminando quase sempre na construção de uma carreira de sucesso. Os estudos referidos destacam que a lealdade aos conteúdos intergeracionais na adolescência pode atuar na decisão da escolha profissional do adolescente e que estes demonstraram uma vontade maior em concluir os estudos e se firmar profissionalmente para depois pensarem em constituir uma família (PRATTA; SANTOS, 2007a; ALMEIDA; PINHO, 2008; MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018).

Levando em consideração a fase de desenvolvimento em que os adolescentes se encontram, a qual, na maioria das vezes, tem a família como coadjuvante, é pertinente que aconteçam estudos acerca desta relação família-adolescente-futuro, para que se possa ouvir a opinião dos adolescentes e gerar novos entendimentos deste vínculo, assim como contribuir e subsidiar futuras pesquisas.

Diante do exposto, o presente estudo tem como objetivo geral: analisar os desejos de vida futura de adolescentes de baixa renda frequentadores de uma ONG na cidade de Camaçari-BA e a sua relação com a família. Como objetivos específicos, têm-se: conhecer os desejos de vida referente ao futuro pessoal e profissional de adolescentes de baixa renda frequentadores de uma ONG na cidade de Camaçari-BA e identificar se há relação entre os desejos de vida direcionados ao futuro pessoal e profissional com a família desses adolescentes.

Com o intuito de contemplar os objetivos citados acima, a presente dissertação se estruturou em capítulos. No primeiro capítulo, denominado Introdução, é exposta a ideia central do trabalho e as motivações que levaram ao estudo. Apresenta-se uma breve contextualização do adolescente no mundo contemporâneo relacionando com a família, bem como é feita uma apresentação da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, justificando sua utilização neste estudo.

O segundo capítulo está subdividido em três tópicos. No primeiro tópico, busca situar o leitor a partir da conceituação da adolescência em seus diversos aspectos (etimológicos e cronológicos) e traça o percurso histórico do adolescente, desde o Império Romano até a contemporaneidade e segue então conceituando a família a partir da visão de diversos autores como Singly (2000), Maluf (2010), Sarti (2004), Donati (2011), Biasoli-Alves (2004). No segundo tópico, busca refletir sobre o papel, a relação e a influência da família no presente e no futuro do adolescente. O último tópico aborda as vulnerabilidades que envolvem o grupo dos adolescentes e também levanta aspectos relacionados à exclusão escolar, introdução precoce no mercado de trabalho e projetos de vida, aproximando o leitor da realidade estudada.

O terceiro capítulo versa sobre a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, formulada por Bronfenbrenner, e sua associação ao modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo). Essa teoria facilita entendimento do processo de desenvolvimento do adolescente dentro dos seus grupos, e o provável reflexo deste processo em sua perspectiva de futuro.

O quarto capítulo traz o percurso metodológico no qual estão descritos o tipo de estudo, o local, os participantes, as técnicas empregadas e os procedimentos de coleta. A descrição do local do estudo assim como da população aproxima o leitor da realidade estudada ajudando na compreensão dos resultados da pesquisa. A técnica de coleta de dados utilizada, considerando as características da população estudada, foi a entrevista semiestruturada; esta autoriza o entrevistador a conduzir a entrevista com atenção para que o diálogo flua sem deixar que este momento pareça uma arguição sem emoção que produza apenas respostas prontas e sugestione o resultado da pesquisa.

O quinto capítulo, intitulado Do Sonho, uma ponte, compreende a análise das entrevistas. Os dados foram interpretados por meio da análise de conteúdo, que busca se validar através de inferências baseadas em teorias dentro de um contexto



histórico e social (CAMPOS, 2004; MINAYO, 2013). As interpretações das entrevistas foram realizadas a partir de duas categorias que emergiram, a saber: Desejo de futuro e Família e futuro. Para validação desses dados, foram utilizados alguns autores, dentre eles Bronfenbrenner, Colagnese, Alcântara, Petrini e Santos.

No sexto e último capítulo, tecemos algumas considerações, destacando itens importantes e retomando os objetivos propostos na pesquisa. Quanto aos resultados, sobressaem-se a influência de fatores externos e internos nos desejos para o futuro dos adolescentes, assim como um sentimento ambíguo entre a necessidade financeira e a satisfação dos seus sonhos pessoais. Por fim, estes reconhecem a família nos seus desejos para o futuro pela maneira agregadora e afetiva que lhe é concebida.

## 2 O DESPERTAR DA ADOLESCÊNCIA

O termo adolescência tem uma dupla origem etimológica. A primeira seria do latim, *ad* (a, para) e *olescer* (crescer), que se traduz na fase da vida em que o ser humano se encontra habilitado para o crescimento e desenvolvimento (CÉSAR, 1998). A segunda origem do termo seria da palavra *adolescere* oriunda da palavra *adoecer*, e, neste sentido, corresponde à angústia emocional decorrente das modificações físicas e psíquicas que acontecem nesta fase. Essa dupla origem etimológica – crescer e adoecer – pode traduzir a fase da adolescência como uma etapa da vida em que o indivíduo encontra condições físicas e psíquicas para crescer biologicamente e se desenvolver cognitivamente, a qual pode ser permeada por ansiedades, desassossegos e inquietações, representado pelo adoecer. Desse modo, quando essas transformações acontecem, muitas vezes podem ser traduzidas e transformadas em sofrimento para o adolescente, através da influência de fatores internos e externos (CÉSAR, 1998; OUTERAL, 1994).

Essa dupla origem etimológica da palavra adolescência até então exerce influência sobre a forma de se observar os adolescentes na contemporaneidade. Mesmo com a realização de alguns estudos baseados no comportamento humano em fase de desenvolvimento, que acreditam na adolescência construída historicamente, com dificuldades inerentes da própria fase e de convivência com a família moderna, ainda nos deparamos com grupos familiares e escolares em que os adolescentes estão inseridos com certo pré-conceito acerca desta época de suas vidas, o que, em diversos momentos, gera o uso de termos tais como “aborrescência” e “aborrescentes”, ou outras expressões de cunho negativo, sem a preocupação ética e social necessária a todas as fases da vida que são singulares e especiais para cada indivíduo (FROTA, 2007).

Na história da humanidade, a adolescência passou por um período sem reconhecimento social e somente aos poucos foi se constituindo e sendo diferenciada da infância e da fase adulta (VEYNE, 2009; ARIÈS, 1986). No Império Romano, que é considerado como o berço das civilizações do mundo ocidental, o indivíduo somente era recebido na sociedade após a aceitação do chefe da família. O pai, ao levantar o recém-nascido do chão após o nascimento, o acolhia. Se não ocorresse tal gesto, a criança era rejeitada, assim como os netos que nasciam das filhas e igualmente com as crianças nascidas com alguma má formação genética.

Quando as crianças ficavam maiores, também era o pai quem definia quando deveriam abandonar as “vestes” da infância e tornarem-se adultos. Assim sendo, não ficava clara a diferenciação entre as fases iniciais do desenvolvimento humano, contudo, era assim que acontecia a introdução das crianças e adolescentes na sociedade (VEYNE 2009).

Paul Veyne (2009) comenta que:

Aos doze anos o pequeno romano de boa família deixa o ensino elementar; aos catorze, abandona as vestes infantis e tem o direito de fazer tudo que um jovem gosta de fazer; aos dezesseis ou dezessete, pode optar pela carreira pública, entrar no Exército – como Stendhal, que aos dezesseis anos resolveu ser hussardo. Não existe “maioridade” legal nem idade de maioridade; não há menores, e sim impúberes, que não mais o são quando o pai ou o tutor considera que estão na idade de tomar as vestes de homem e cortar o primeiro bigode. (VEYNE, 2009, p. 32)

Na Idade Média, as crianças e os adolescentes eram tidos como “adultos pequenos”, em desenvolvimento biológico, diferenciando-os do adulto apenas no que se referia ao tônus muscular. A formação da personalidade não era considerada nessa fase e eles tinham responsabilidades sociais do mesmo modo que os adultos (FEITAL, 2013 apud LIRA; SILVA, 2017). Ariès (1986) relata que nessa época havia uma alta taxa de mortalidade infantil, o que distanciava os adultos das crianças por medo de se afeiçoarem a estas; quando sobreviviam, elas não tinham uma importância significativa na sociedade, assim como os adolescentes, já que ainda não existiam limites etários definidos para essa fase da vida.

A Idade Moderna surge com um Estado mais atuante socialmente, que passou a interceder nas formas de agir das comunidades e em todos os grupos, como nos religiosos e nos educacionais. Manifesta-se, então, uma necessidade de proteção aos jovens das “tentações da vida”, direcionando-os quanto aos princípios de moralidade, e conseqüentemente, ocorrem os primeiros papéis sociais desses jovens que ainda não encontravam lugar na sociedade. Nesse contexto, a escola pode ser considerada para as crianças e adolescentes o primeiro espaço de acolhimento onde estes aprendiam as noções de moralidade e qual o seu papel dentro do grupo social a que pertenciam (LIRA; SILVA, 2017).

Foi a partir do século XVIII que surgiram diversas discussões sobre a adolescência. Jean-Jacques Rousseau, citado em Amorim (2007), é tido como o

primeiro teórico sobre adolescência. Ele definiu que essa fase compreendia o período de 15-20 anos, chamando a atenção para a eclosão do amadurecimento emocional que acontece nos indivíduos e, a partir desta característica, se diferenciou a criança e o adolescente do adulto.

Contudo, segundo Osório (1996), antes do século XX, a adolescência não era reconhecida como uma fase do desenvolvimento humano e só se consideravam como importantes as transformações físicas que aconteciam no indivíduo. A parte emocional era ignorada, com isto o indivíduo após a infância logo chegava à fase adulta. Os termos “juventude” e “puberdade” eram utilizados para marcar a mudança das duas fases, já que são demarcadas pelas modificações corporais definitivas. Na atualidade, a adolescência já não é mais vista como um “degrau” entre as duas fases e passa a ser reconhecida como dotada de particularidades, em que há uma transformação biopsicossocial e os aspectos referentes ao biológico, ao psicológico e ao cultural caminham juntos, sem oportunidade de reconhecimento separadamente uns dos outros.

Segundo Hockenberry, Wilson e Cheryl (2018), biologicamente, a adolescência se inicia com o aparecimento gradativo dos caracteres sexuais secundários entre 11 e 12 anos e termina com a suspensão do crescimento corporal entre 18 e 20 anos. Termos como “puberdade” são utilizados para se referir à fase da adolescência que compreende o desenvolvimento e a maturação dos órgãos sexuais. Ainda para estes autores, a adolescência significa o crescimento dentro da maturidade e “[...] pode ser dividida em subfases distintas: inicial (11 a 14 anos), média (15 a 17 anos) e tardia (18 a 20 anos), sendo que essa fase tem uma propensão maior de começar e terminar mais precocemente nas meninas do que nos meninos” (HOCKENBERRY; WILSON; CHERYL, 2018, p. 415).

Vale pontuar que a idade cronológica usada para definir a adolescência por diversas organizações é divergente. Na ótica da Organização Mundial de Saúde (OMS), a adolescência demarca o período entre 10 e 19 anos de idade (*adolescents*), idade também adotada pelo Ministério da Saúde (MS). A Organização das Nações Unidas delimita essa fase entre 15 e 24 anos (BRASIL, 2007). Já o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), instituído no Brasil através da Lei nº 8.069/90 (BRASIL, 1990) que dispõe sobre a proteção integral da criança e do adolescente, no artigo 2, estabelece o limite etário do adolescente entre 12 e 18

anos de idade, salvo em casos especiais expressos na lei que pode ser aplicado a pessoas entre 18 a 21 anos de idade, segundo os Artigos 121 e 142.

Ademais, ainda que a adolescência seja vista como um evento que ocorre em todos os povos e lugares, de acordo com a sociedade, existirão diferentes costumes e períodos; há uma variação entre o começo e a permanência dessa fase, fazendo com que os indivíduos adquiram características próprias influenciadas pelo ambiente econômico e sociocultural no qual se encontram inseridos (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Na contemporaneidade, mesmo com diferenças nos limites de idade que delimitam a adolescência, esta é percebida como a fase da vida de maior ambivalência, é o período de construção da identidade, assim como de determinação de projetos para o futuro. Segundo Novaes (2007), o jovem vive um dilema contraditório entre ser dependente da convivência familiar e da sociedade, e o desejo de conquistar sua autossuficiência.

## 2.1 O ADOLESCENTE E A FAMÍLIA

Tendo em conta a realidade brasileira e as transformações ocorridas no ambiente familiar doméstico, nos últimos anos do século XX, diferentes análises exibem o aparecimento de novas configurações familiares (SINGLY, 2000; SCAVONE, 2001). Singly (2000) chama atenção que foi a partir da segunda metade do século XX, principalmente no ocidente, que se intensificaram as mudanças de cunho econômico, social e trabalhista dentro da família. O grupo familiar se transforma a partir das modificações que ocorrem na sociedade, e assim há uma necessidade de reorganização das regras essenciais do convívio em grupo. Dentro desse contexto de novas configurações familiares é que se encontram os prováveis formadores de grupos familiares do futuro, os adolescentes.

A família, na maioria das vezes, constitui o primeiro ambiente que a pessoa experimenta no decorrer da sua vida. Para Maluf (2010), a família é um grupo construído por pessoas com vínculos formados mediante fatos sociais, tais como nascimento, casamento, filiação, entre outros, que se organizam socialmente, conforme as configurações culturais, políticas e dos costumes da época em que está integrada. Essa definição envolve uma interpretação de família a partir do ambiente comum de convivência diária, no qual acontecem, em sua maioria, os laços

familiares sem necessariamente haver consanguinidade. Pode-se dizer que a família interfere no desenvolvimento e no amadurecimento emocional de cada membro do seu grupo. E, independentemente das transformações que ocorreram nas famílias através da história, estas exibem competência de sobrevivência e de adaptação, produzindo novos moldes de composição e de padrões relacionais (OLIVEIRA *et al.*, 2009).

Sarti (2004) refere-se à família como sendo a responsável, na maior parte dos casos, pelo primeiro contato da pessoa com o mundo externo, no qual se escutam os primeiros sons, palavras e falas, e, fundamentado nestas experiências, o indivíduo elabora sua autoimagem e a imagem do mundo exterior. Não importa a composição e/ou configuração familiar, esta é a base para significar o mundo e de elaboração das experiências vividas. Durante a vida, desde o nascimento, a pessoa ocupa diferentes lugares na família, com experiências distintas, as quais, no decorrer deste caminho, vão sendo reelaboradas constantemente. A referida autora, fazendo uma análise da família como ordem simbólica, afirma:

“Crescer”, assim, desvincula-se do mero processo biológico e constitui-se, também, em um processo simbólico. As condições favoráveis para que uma criança “cresça” ou um jovem se desenvolva na família se ampliam quando seu pai, sua mãe ou quem cuide deles possam se pensar, eles mesmos, como alguém em permanente crescimento, em cada novo lugar que ocupe na família (SARTI, 2004, p. 17).

Donati (2011), analisando a família sob a perspectiva da teoria sociológica, relata que o grupo familiar pode ser considerado como uma “pequena sociedade”, que forma sua identidade através da realidade individual e subjetiva dos seus componentes e, através de uma abordagem relacional, busca sempre o bem-estar dos seus integrantes. Assim, quando o adolescente está inserido em um grupo familiar, o apoio para enfrentar essa fase do desenvolvimento, quase sempre cheia de momentos conturbados, se dá através das possibilidades criadas pelo grupo familiar, desta forma, são amenizadas as angústias do crescimento e do desenvolvimento inerentes ao ser humano. Ainda sobre a família, Donati expõe que:

A família não é uma “estrutura arcaica” destinada a um progressivo enfraquecimento (ou a uma evolução rumo a formas desconhecidas), mas, ao contrário, é um sistema social, relacional altamente complexo – na sua própria estrutura originária –, capaz de se

desenvolver. Um desenvolvimento que admite obviamente conflitos e desvios, desorganizações e fracassos, especificados exatamente pelas dificuldades que se encontram na integração das suas específicas relações entre o ambiente interno (natureza bi psíquica da pessoa) e ambiente externo (sistema ecológico e fins último da vida). (DONATI, 2011, p. 99)

A família, desde sua concepção, é tida como um grupo social que desempenha forte influência na vida dos seus integrantes. Esse grupo se encontra dentro de um grupo social maior que mantém uma interação frequente com os núcleos familiares. O grupo familiar é essencial na formação da personalidade dos seus componentes e, através de ações educativas dentro da família, influenciam consideravelmente o comportamento de cada indivíduo que faz parte deste grupo (BIASOLI-ALVES, 2004). Assim sendo, o adolescente que pertence a algum grupo familiar tende a sofrer influências positivas ou negativas que irão refletir na formação da sua personalidade e no modo de vivenciar novas experiências quando em grupo social maior.

Em geral, a família, no intuito de inserir as crianças e os adolescentes na sociedade, determina regras e medidas, possibilitando assim que os seus componentes consigam se integrar às condições exigidas, para viver conjuntamente na coletividade (SCHENKER; MINAYO, 2003). O adolescente vive uma fase cheia de mudanças e transformações, assim, o suporte familiar é de extrema importância em sua trajetória; a falta deste suporte familiar e também o social e o espiritual farão emergir dificuldades em vários campos da trajetória de vida do adolescente (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018).

Dentro de um grupo familiar, a relação do amor se manifesta de forma restauradora, e os componentes deste grupo, ancorados nesta relação, são levados a respeitarem individualmente as expectativas de cada um. A busca pelo bem comum da família é desenvolvida pelo laço amoroso pessoal que constitui a dimensão relacional familiar (MENEZES, 2016). Quando uma relação familiar se encontra pautada na força do amor, o acolhimento ao outro acontece de maneira natural, amorosa e solidária (FORNASIER, 2016). Segundo Donati<sup>2</sup>, conforme citado por Fornasier (2018, p. 157), “A família é uma boa relação e produz bens relacionais se e quando puder fazer em modo tal que cada indivíduo possa personalizar seu

---

<sup>2</sup> DONATI, P. The Family As a Source of Relational Goods (and Evils) for Itself and for the Community. *Italian Journal of Sociology of Education*, v. 8, n. 3, p. 149-168, 2016.

próprio papel na rede familiar, o que significa torná-lo um 'sujeito relacional' individual maduro.".

A adolescência é considerada uma fase da vida em que a pessoa passa por transformações importantes no seu desenvolvimento, que culmina na consolidação da identidade, na qual suas escolhas, entre elas a profissional, determinará o seu futuro. No entanto, a diversidade de opções mutantes que a sociedade contemporânea impõe, dificulta a formação desta identidade. Diante disso, a família é vista como um elemento que pode contribuir positivamente ou não durante o processo da decisão profissional; todavia, existem diversas formas de atuar diante dessas interferências, e, quando reconhecida pelos jovens, estas poderão ser utilizadas de maneira consciente (ALMEIDA; PINHO, 2008).

Um estudo feito com adolescentes usuários e não usuários de drogas de diferentes camadas sociais, cursando o ensino médio na cidade de São Carlos-SP, sobre os pontos positivos e negativos do relacionamento familiar, bem como a identificação dos seus planos sobre o futuro, considerou maior relevância no item do relacionamento, a falta de uma comunicação efetiva, sendo que, esta falta pode levar a desvios no comportamento dos adolescentes, como o uso de drogas. Sobre a questão dos planos para o futuro, os jovens mostraram uma preocupação na continuidade dos estudos e na formação de uma nova família (PRATTA; SANTOS, 2007a).

Em outro estudo realizado com jovens de classe média que tinha o objetivo de conhecer como os adolescentes relatam suas vivências na família, escola e sociedade, a maioria dos entrevistados respondeu que gostaria de concluir os estudos, buscar o primeiro emprego ou empreender e depois então constituir uma família (MOREIRA; RABINOVICH; FORNASIER, 2018).

O estilo da criação dos filhos pode interferir na formação da autonomia destes. A vontade de ter sua autonomia e controlar sua vida independente faz com que os adolescentes questionem a família acerca de seus valores e opiniões, entretanto, os pais tendem a confundir esse posicionamento com a indisciplina (SCHENKER; MINAYO, 2003). Santos (2005), ao estudar as percepções de adolescentes quanto à influência da família e de terceiros na escolha profissional, entrevistou 16 adolescentes de uma universidade pública federal com idades entre 16 e 18 anos. No indicador da importância e influência dos pais no processo de tomada de decisão, os entrevistados relataram que as opiniões dos genitores nem



sempre ocorrem de forma linear, alguns sentem insegurança com estas, enquanto outros relataram sentir mais segurança e até obrigação, demonstrando o fato de que nem sempre a liberdade da escolha de sua carreira sem a opinião dos pais lhes confere segurança e conseqüente felicidade. Esses adolescentes ainda demonstraram em seus discursos uma grande vontade de sair de casa e alcançar sua liberdade e independência. Percebe-se a partir disso a grande influência da opinião dos pais, mesmo que de maneira contraditória, no processo decisório da escolha profissional dos adolescentes. Sobre essa influência familiar, o autor discorre que: “A família é um entre os vários facilitadores ou dificultadores do processo de escolha, mas antes de tudo, tem um papel importante na realidade do adolescente e deve ser levada em consideração quando se trata de projeto de vida” (SANTOS, 2005, p. 63).

A família é a base na formação do caráter de uma pessoa, isto se dá através de educação moral, valores e principalmente exemplos, tornando-os aptos para viver em sociedade juntamente com os outros indivíduos em busca da sua profissão e da realização pessoal. Por conseguinte, as relações familiares influenciam os projetos de vida dos adolescentes por meio de suas opiniões e dos sentimentos gerados por estas. Além disso, frequentemente os pais criam expectativas para o futuro dos seus filhos, imprimindo nelas os sonhos não realizados por eles (RIBEIRO; ROCHA, 2017). Nesse sentido, Santos (2005) considera essencial, para a escolha profissional, que os adolescentes tenham conhecimento acerca dos projetos dos pais, pois estes o farão sentirem-se pertencentes ao grupo familiar. No entanto, crises familiares na fase de adolescência dos filhos muitas vezes podem surgir em decorrência da oscilação de desejos destes em relação ao futuro.

Quando comparado ao estudo de Santos (2005), a pesquisa de Nepomuceno e Witter (2010) sobre a influência familiar entre adolescentes de gêneros distintos, frequentadores de escolas da rede privada e pública, demonstrou que o percentual de crises familiares em decorrência do momento vivenciado foi insignificante. O mesmo estudo revelou também que as famílias dos adolescentes pesquisados se destacaram como grandes influenciadoras nas suas escolhas, apoiando-os na opção por uma profissão.

Por sua vez, uma pesquisa realizada com 168 adolescentes entre 14 e 15 anos frequentadores de uma escola particular de Porto Alegre, com o objetivo de conhecer a associação entre a autonomia dos jovens, o tipo de relação disciplinar

estabelecida entre os pais e filhos e as autonomias desenvolvidas pelos filhos decorrentes destas relações, demonstraram a importância do desenvolvimento da autonomia relacionado com o estilo da criação destes participantes. Os adolescentes dessa pesquisa percebem os pais como negligentes e autorizantes, sendo que a mãe se destaca como a figura mais presente na sua formação. Esse estudo demonstrou também que, quando há um equilíbrio entre os pais, os adolescentes apresentam melhor desenvolvimento, o que foi traduzido por meio de um bom desempenho escolar (REICHERT; WAGNER, 2007).

Para que os membros da família convivam em harmonia, é necessário que se estabeleçam e façam cumprir regras e responsabilidades visando à manutenção do grupo familiar na sociedade. O diálogo entre os pais e os filhos adolescentes deve ser encarado como uma forma de empatia, é preciso se colocar no lugar do outro para buscar entendê-lo, é essencial demonstrar um equilíbrio na comunicação que demonstre respeito, afetividade e cuidado, redefinindo as novas representações dos adolescentes na família e conseqüentemente na sociedade. A harmonia influencia o desenvolvimento humano e a construção social de seus membros, independentemente das modificações e reestruturações impostas pelo mundo contemporâneo (BARRETO; RABELO, 2015; MORGADO *et al.*, 2014).

Uma pesquisa realizada pelo Fundo das Nações Unidas para a Infância (UNICEF), intitulada “Voz dos Adolescentes”, apontou que quase a totalidade dos entrevistados (90%) se refere à família como sua principal referência e que os limites impostos por esta são necessários nesta fase da vida; isto é sentido como uma maneira de cuidado dos pais para com eles. Segundo os adolescentes do estudo, um relacionamento seguro e confiável é pautado no diálogo embasado em orientações claras sempre que necessário (UNICEF, 2002).

Logo, a adolescência é uma fase de transição em que o adolescente, quando abandona o mundo infantil e adentra no mundo adulto, se confronta com mudanças e ajustamentos; é a fase na qual suas escolhas irão comportar interferências da família ou da rede de relações ao redor desta. Sendo assim, é importante que, no momento em que o adolescente signifique estas interferências, sejam as familiares sejam as da rede, ele possa desenvolver melhor suas escolhas, estando estas pautadas em consciência, responsabilidade e assertividade (ALMEIDA; PINHO, 2008).

## 2.2 ADOLESCÊNCIA E VULNERABILIDADE SOCIAL

A vulnerabilidade social pode ser compreendida como um saldo negativo entre a relação de recursos materiais disponíveis e o alcance das estruturas de oportunidades sociais, econômicas e culturais oriundas do estado, do mercado e da sociedade, que proporciona prejuízo para um bom desempenho e mobilidade social dos indivíduos. Diante disso, os recursos materiais ou ativos, as estruturas de oportunidades oriundas do mercado do estado e da sociedade e as ferramentas utilizadas para utilização dos ativos são elementos presentes na formação de situações de vulnerabilidade dos indivíduos, famílias e comunidades (FILGUEIRA, 2001). Dessa maneira, a vulnerabilidade traduz situações muitas vezes vivenciadas por adolescentes que se encontram reclusos em um contexto de insegurança, inconstância e marginalidade (ABRAMOVAY *et al.*, 2002).

Nesse mesmo viés, Ceolin *et al.* (2015) veem a vulnerabilidade como um fruto da relação entre características pessoais do indivíduo e estruturas externas, que definem as oportunidades e geram significado para o indivíduo sobre ele mesmo e sobre a sociedade em que vive. Em vista disso, a vulnerabilidade se torna maior ou menor, a partir da capacidade analítica e crítica que cada pessoa adquire para interpretar e ressignificar os sinais e mensagens que são geradas ao seu redor.

Na sociedade contemporânea, o grupo dos adolescentes é um dos mais atingidos pelo impacto das vulnerabilidades sociais, como por exemplo: violência, pobreza, exploração e abuso sexual, exploração do trabalho, dificuldade de acesso à escola, doenças sexualmente transmissíveis e privação da convivência familiar, conforme o relatório do UNICEF (2011) sobre a situação da adolescência brasileira. Porém, no Brasil, não são todos os adolescentes que sofrem com essas vulnerabilidades, estas vão selecionar o grupo segundo as desigualdades sociais construídas historicamente a partir de preconceitos e rejeição. Para garantir uma adolescência segura e cidadã, é importante que a sociedade conheça, reconheça e enfrente tais vulnerabilidades, no intuito de reduzir cada vez mais os danos causados por estas, visto que são obstáculos para um adequado desenvolvimento dos adolescentes (UNICEF, 2007, 2011).

Sobre essas vulnerabilidades que afetam parte dos adolescentes, Pereira (2016) demonstra o quanto estes fenômenos relacionados a vulnerabilidades enfraquecem as redes sociais, provocando nos adolescentes sentimentos de solidão

e vazio de existência, e discute a importância e a necessidade da formação de redes sociais eficazes e capazes de proteger as crianças e os adolescentes em situação de vulnerabilidade social, por intermédio de reflexões a partir de situações vividas por estes.

Jovens adolescentes, em razão da situação de vulnerabilidade social familiar, necessitam de um apoio externo que lhes orientem, estimulem e os tornem aptos para o mercado de trabalho. Os projetos sociais promovidos por ONGs destinados a proporcionar suporte para adolescentes em situação de vulnerabilidade social no Brasil tem se destacado por, em muitos casos, mostrarem-se mais eficientes que as ações governamentais. Algumas destas ONGs, por meio de programas, direcionam os jovens para protagonizarem seus planos, entretanto, a grande maioria das ONGs tem suas ações centralizadas na redução das dificuldades que estes jovens enfrentam na reintegração social, sem viabilizar alguma qualificação para o trabalho (ABRAMO, 1997).

Em uma revisão integrativa que buscava identificar as situações de vulnerabilidade vivenciadas pelos adolescentes, foi elucidado que, com base no conhecimento destas vulnerabilidades, podem-se conseguir ações que irão promover a superação, como também auxiliá-los a vivenciar suas experiências e finalmente construir seus projetos de vida, sendo de grande relevância o conhecimento acerca das vulnerabilidades que os atingem para que ajam como o principal personagem das mudanças dentro do seu grupo social (CEOLIN *et al.*, 2015).

A vulnerabilidade social, quando vivenciada pelos adolescentes, os direcionam a uma descontinuidade no percurso do seu desenvolvimento, o que nem sempre é captado pelos pais, familiares ou comunidade de origem. Diante desse cenário, os adolescentes encontram rupturas, que lhes são inerentes da fase em que vivenciam, ficando evidenciado que estas, mesmo que não sejam reconhecidas na sociedade, podem lhes conferir um certo poder dentro da sua comunidade; outras rupturas têm a capacidade de desenvolver e despertar nos jovens uma vontade de crescimento no lado mais humano e até de contribuição para a história (SANTOS, 2014).

### 2.3 A ADOLESCÊNCIA, SONHOS E A CONSTRUÇÃO DO FUTURO

Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE, a população brasileira foi projetada em números absolutos para 211 milhões de pessoas no ano de 2020, dos quais 57,9 milhões têm menos de 18 anos de idade (IBGE, 2019). Os dados demonstram que a população brasileira conta com um significativo número de crianças e adolescentes na sua pirâmide etária, o que reflete a necessidade de investimentos na educação para que estes consigam alcançar um futuro melhor. Entretanto, ainda se verifica, mesmo diante de tantos avanços na contemporaneidade, um grande número de jovens fora da escola.

A Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios (PNAD, 2020) levantou que o percentual de adolescentes com idade de 15 a 17 anos que não frequentava escola variou de 7,8%, em Santa Catarina, a 17,4%, no Acre. O quadro é similar quando comparamos as regiões do Brasil, em que o Nordeste lidera, com um percentual de 13,1 %, atrás da Região Sul (11,8%), sendo a região Centro Oeste aquela que exibe um menor percentual, com 10,6 %. Ademais, o UNICEF coloca que a população que mais sofre com a exclusão escolar são os que, na maioria das vezes, vivem em locais menos favorecidos, incluindo os indígenas, quilombolas, pobres e negros; grande parte destes são impulsionados pela necessidade de ajudar no orçamento domiciliar. Segundo o UNICEF (2011), a taxa de evasão escolar aumenta quando o adolescente se vê em situação de atraso escolar (dois ou mais anos) e não acompanha os que se encontram dentro da sua mesma faixa etária. O Fundo expõe que: “O abandono está diretamente ligado à trajetória de repetências que cria a chamada distorção idade-série, ou seja, crianças e adolescentes que cursam uma série escolar diferente daquela prevista para sua idade” (UNICEF, 2011, p. 31).

Para que as crianças e adolescentes tenham seus direitos assegurados, com o intuito de regulamentar o artigo 227 da Constituição Federal de 1988, foi criado o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), Lei Federal de 13 de julho de 1990. Esta visa a defender crianças e adolescentes, dentre outras ações, da exploração nas relações de trabalho. Em conformidade com o ECA, as crianças e os adolescentes estão em fase de desenvolvimento e têm direitos, além disto, carecem da proteção da família e do estado, por não terem condições de prover a sua sobrevivência (BRASIL, 1990). Infelizmente em alguns casos, para que a família consiga subsistir, se torna inevitável que os adolescentes ingressem no mercado de

trabalho, acarretando, frequentemente, em consequências negativas, como a evasão escolar (GUIMARÃES; ROMANELLI, 2002).

Ser jovem ou adolescente, seja no Brasil ou em outros países, continentes e hemisférios, não é uma experiência similar, esta depende da origem social, do nível de renda, das diferenças socioeconômicas, além do momento histórico em que é vivenciada essa fase da vida. Os adolescentes que moram em áreas menos favorecidas, que são tidas como mais violentas, continuamente marcadas pela presença do narcotráfico e de armas de fogo, sofrem discriminação social, o que restringe o seu acesso à educação, ao trabalho e ao lazer. Um dos marcadores de desigualdade social implica em diversos preconceitos envolvendo etnias e desigualdade de gênero e estes tendem a gerar diferentes graus de vulnerabilidade entre os adolescentes. A partir dos marcadores sociais, os jovens com diferenças sociais podem se aproximar ou se distanciar dos que vivem na mesma condição social. Novaes (2007) cita que:

[...] diferentes segmentos juvenis formam um complexo caleidoscópio no qual se entrelaçam indicadores sociais reveladores. Desigualdades que, retro alimentadas por determinados preconceitos e discriminações, produzem distintos graus de vulnerabilidade juvenil. (NOVAES, 2007, p. 2)

No Brasil, o adolescente enfrenta o conflito da desigualdade social e da diversidade cultural, ao mesmo tempo adquire peculiaridades conforme a classe social, o gênero, o período histórico e a cultura do ambiente em que vive. A introdução precoce do adolescente de família carente no mercado de trabalho não se deve somente a um problema familiar, e sim a uma questão social definida por meios de repetição das estruturas de classe. Importante enfatizar que diversos fatores contribuem para a evasão dos adolescentes das escolas e consequente entrada precoce no mercado de trabalho, tais como a falta de escolas competentes que adequem os seus conteúdos à realidade destes indivíduos e a carência de expectativa para que continuem nos estudos (ALVES-MAZZOTTI, 2002).

Estudos mostram que, em famílias de classe popular, a idade de ingressar em atividades produtivas é por volta dos 15 anos, tornando-se um marco divisor entre a obrigação dos pais em mantê-los exclusivamente como estudantes durante o ensino fundamental; a partir daí, a incumbência da continuação dos estudos e a conciliação

com o trabalho fica a cargo dos adolescentes, que frequentemente passam a ajudar no sustento da família (ALVIM, 2001; ROMANELLI, 2000).

Um estudo feito com adolescentes de classe popular buscou analisar a inserção destes no mercado de trabalho através de uma Organização não governamental e discutir a relação que estes mantêm com a família, com o trabalho e a escola, e mostrou que as necessidades de se tornar co-provedores do lar impulsionam os adolescentes ao mercado de trabalho precocemente e conseqüentemente antecipam o seu amadurecimento pelas novas responsabilidades impostas (GUIMARÃES, ROMANELLI, 2002).

Em sua tese de Doutorado, Abreu (2019) pesquisou sobre como alguns jovens brasileiros e cabo verdianos percebiam os suportes oferecidos pelas suas famílias e escolas na elaboração dos seus projetos de vida. O autor, na análise dos seus dados, trouxe a concepção dos jovens através do que ele denominou de forças de interação, ficando evidenciadas as forças do ambiente escolar e familiar como as que mais se sobressaíram. A análise também possibilitou a percepção da importância da mobilidade dos jovens para que aconteçam as transformações socioeconômico-educacionais.

O abandono dos estudos é uma prática recorrente entre os adolescentes de baixa renda, isto se deve, geralmente, à dificuldade de conciliar estudo e trabalho (LISBOA, 2010). No entanto, no mundo contemporâneo, é cada vez mais relevante o acesso à universidade. Desse modo, os jovens no Brasil, com o intuito conquistar uma vaga e conseqüente permanência no mercado de trabalho, buscam melhorar sua qualificação profissional. Infelizmente a maioria dos jovens que conseguem ingressar em uma universidade com boa classificação no Exame Nacional do Ensino Médio (ENEM) pertence a uma classe social mais favorecida visto que os de classes sociais menos favorecidas, que frequentam o sistema público de ensino, enfrentam maiores dificuldades para ingressar no nível superior. Isso acontece, geralmente, em razão da necessidade econômica da família, a qual direciona o jovem para o trabalho precocemente, garantindo o seu sustento e por vezes de toda sua família, forçando uma evasão da escola por não conseguirem conciliar as duas funções paralelamente.

As carreiras dos adolescentes de classe social menos favorecida tendem a sofrer delimitações devido às condições adversas que os cercam desde o nascimento; isto fica evidente quando se consideram as demandas atuais do

mercado de trabalho que apontam para um profissional cada vez mais qualificado. Muitos adolescentes nem terminam a formação básica e já se preparam precocemente para vida laboral, prática incomum para os adolescentes das classes econômicas mais favorecidas, que têm a seu favor o tempo e as condições econômicas satisfatórias para a construção de uma carreira sólida e posterior inserção no mercado de trabalho (MANDELLI; SOARES; LISBOA, 2011).

Capacitar os adolescentes para serem bem-sucedidos no mercado de trabalho implica em habilitá-los em diferentes tarefas como: aprender novas capacidades e conhecimentos, mudar algumas representações sociais e atitudes em relação ao trabalho e finalmente conseguir o equilíbrio entre sua vida profissional e social. Quando estes estão inseridos no mercado de trabalho, sua relação com a sociedade torna-se de pertencimento. Uma parte de um estudo de Sarriera, Câmara e Berlim (2000) intitulado “Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados” realizado no Rio Grande do Sul, entrevistou 56 jovens de 14 a 17 anos de idade. A pesquisa demonstrou que grande parte dos adolescentes necessita de uma motivação para descobrir suas competências e buscar trabalho a partir de suas próprias habilidades e da sua vivência. Ficou evidenciado que os seus projetos de vida estão emparelhados ao seguimento dos seus estudos e que os sonhos destes adolescentes para o amanhã é a concretização de um emprego fixo.

A condição de estar na escola, desde o final da Segunda Guerra Mundial, caracterizava o ser jovem. Entretanto, esta condição não contempla todos os jovens, pois, a depender da sua classe social, essa passagem ocorre de forma diferente: os adolescentes de classe popular vivenciam um encurtamento da infância arcando com responsabilidades da vida adulta, enquanto os adolescentes de classe média e alta, de modo geral, podem terminar seus estudos postergando sua entrada na vida adulta (NOVAES, 2007).

Sendo assim, as desigualdades sociais separam os adolescentes de hoje, que vivenciam um momento de grande tensão e globalização com intensos movimentos de exclusão e grande sensação de desconexão (NOVAES, 2007). A sociedade não igualitária produz sistemas de defesa para o indivíduo acreditar ser apenas ele o responsável por sua infelicidade, assim a desigualdade passa a se manifestar por meio de lutas individuais e não coletivas. A necessidade do indivíduo de ser livre e autor da própria vida está intrínseca na declaração de igualdade para



todos. Desse modo, a igualdade de oportunidades em uma sociedade deve decorrer de uma disputa de iguais, tornando a pessoa responsável por suas vitórias e derrotas (DUBET, 2001).

Em meio a tantas mudanças, inseguranças e dúvidas, o adolescente ainda vive a difícil tarefa da escolha da profissão. São muitas as variáveis envolvidas na escolha profissional, além de que existem fatores econômicos, sociais, familiares, entre outros que irão influenciar sua opção direta ou indiretamente (SOARES, 2002). As escolhas feitas na fase da adolescência estão ligadas a um referencial crítico que conta com a sociedade como mediador destas relações. Diante disso, fica evidenciado que a adolescência é uma manifestação social, concebida sob o comando socioeconômico e cultural das sociedades. O amadurecimento na esfera da natureza psicossocial acontece paralelamente ao desenvolvimento fisiológico do corpo, impossibilitando a universalização das preferências do adolescente (RIBEIRO; ROCHA, 2017). Bock (2004) ressalta que é a partir das experiências socioeconômicas e culturais vivenciadas pelo indivíduo que este estabelece a sua subjetividade. Sendo assim, a construção histórica da adolescência está vinculada a cada meio social em particular. Esse é um período de latência social, originado por demandas da inserção no mercado de trabalho, com necessidade de maior escolarização, além do preparo para a nova fase da vida, a adulta. (RIBEIRO; ROCHA, 2017).

Trindade (2016), em sua dissertação, pesquisou como se dá a escolha complexa entre o estudo e/ou o trabalho na vida 12 jovens de classe popular que se encontram na transição para fase adulta e observou os vários acontecimentos que estão por trás das suas escolhas, tais como casamento, gravidez, morte de parente, condição familiar, desinteresse, entre outras. A autora constatou que a condição social nem sempre é um definidor no destino dos jovens, posto que existem vários fatores intrínsecos e extrínsecos que irão influenciar nestas decisões. As relações familiares foram destacadas por alguns como um influenciador no quesito da permanência ou não na escola, sendo que esta permanência se mostrou negligenciada quando seus pais têm uma baixa escolaridade. Também ficou percebida uma naturalização e conseqüente aceitação entre os jovens de acontecimentos, tais como a precariedade do ensino público e a violência, em vista disso, com ou sem a família estruturada, o desfecho vai ficar a cargo do jovem sempre (TRINDADE, 2016).

Sendo assim, a sociedade contemporânea, a competitividade tornou as expectativas em relação ao trabalho no futuro mais inseguras e preocupantes, independente da classe social em que o adolescente se encontre. Ainda que sejam os adolescentes mais pobres os mais atingidos pelo sistema das relações de trabalho devido ao rápido avanço tecnológico, e a dificuldade financeira de acompanhar este progresso, deparamo-nos com jovens de diferentes classes sociais que apresentam medo de não conseguir se inserir no mercado de trabalho (NOVAES, 2007).

### 3 TEORIA BIOECOLOGICA DO DESENVOLVIMENTO HUMANO

Bronfenbrenner<sup>3</sup> (1996) argumenta que os sistemas sociais e familiares, descritos por ele por meio da análise sistemática dos contextos, interconexões e processos, interferem no comportamento humano do indivíduo em desenvolvimento. Sua teoria parte do princípio de que o desenvolvimento humano resulta das influências entre a pessoa com o contexto social e o meio ambiente em que estes estão inseridos, o que, por sua vez, é caracterizado pela reciprocidade (BRONFENBRENNER, 2011). Através da teoria de Bronfenbrenner, pode-se obter um maior entendimento a cerca dessas interferências no desejo e na perspectiva de futuro dos adolescentes e do significado da família no contexto destes indivíduos que se encontram no processo de desenvolvimento.

A Teoria Bioecológica desenvolvida por Bronfenbrenner foi baseada em estudos de teóricos como Piaget, Vygotsky, Lewin entre outros. Essa teoria é resultado de décadas análises e testes realizados por seu autor e tem por foco principal o indivíduo e as suas disposições, devendo ser levadas em consideração a dimensão do tempo e a interação entre a pessoa e o contexto (BRONFENBRENNER, 2011).

Tudge (2012) chama a atenção à associação da Teoria ao modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo), na qual estas quatro dimensões se interagem. Assim, para Bronfenbrenner o modelo é descrito como:

(a) o processo de desenvolvimento, envolvendo a fusão e a dinâmica de relação entre o indivíduo e o contexto; (b) a pessoa, com seu repertório individual de características biológicas, cognitivas, emocionais e comportamentais; (c) o contexto do desenvolvimento humano, definido como níveis ou sistemas entrelaçados [...]; e (d) o tempo, conceituado como envolvendo as dimensões múltiplas da temporalidade (p. ex., tempo ontogênico, tempo familiar e tempo histórico). (BRONFENBRENNER, 2011, p. 25)

O processo que é entendido como o primeiro núcleo desse modelo leva em consideração a habilidade do indivíduo em desenvolvimento de aumentar sua

---

<sup>3</sup> Urie Bronfenbrenner nasceu na Rússia, ano de 1917, cidade de Moscou, migrou para os Estados Unidos com seus pais quando tinha seis anos de idade. Durante um tempo grande na sua infância e adolescência, frequentou em uma Instituição onde o seu pai trabalhava como neuropatologista, cuidando de pessoas com problemas mentais. É destacado como um influente teórico sobre a Psicologia do Desenvolvimento Humano, pela criação de um domínio interdisciplinar, a Ecologia do Desenvolvimento Humano (BRONFENBRENNER, 1979, 1996).

capacidade de se relacionar progressivamente com atividades mais complexas, e evidencia os processos proximais. Estes processos proximais são elementos importantes nas relações de reciprocidade entre as famílias, considerados por Bronfenbrenner (1996) como propulsores indispensáveis para o desenvolvimento.

Os processos proximais são caracterizados pelo envolvimento do indivíduo em alguma atividade que seja cada vez mais complexa, continua e prolongada por algum tempo. Bronfenbrenner ressalta que a efetividade destes propulsores, vai depender de relações interpessoais mútuas, e de que estas sejam permeadas de artefatos presentes no ambiente imediato da pessoa em desenvolvimento, proporcionando uma motivação para sua imaginação (TUDGE, 2012; RABINOVICH, 2012; BRONFENBRENNER, 1996, 2011). Salienta-se, portanto, que, para que ocorra o desenvolvimento a partir dos processos proximais, é necessário levar em consideração o contexto histórico e social que o indivíduo vivencia, e também as particularidades, incluindo-se a hereditariedade e as características inerentes a cada um (MARTINS; SZYMANSKI, 2004).

O segundo núcleo do modelo Bioecológico é a pessoa. Este compreende as características particulares do indivíduo, e também as que surgem a partir da interação com o ambiente; desta forma, é produzido o desenvolvimento biopsicológico do indivíduo, ou seja, isoladamente, a característica pessoal em tempo algum exerce influência no desenvolvimento dos indivíduos. (BRONFENBRENNER, 1996, 2011).

Em seu modelo Bioecológico do Desenvolvimento, Bronfenbrenner estabeleceu a composição do “meio ambiente ecológico”, compreendendo-o como contexto que corresponde ao terceiro núcleo do seu modelo. Este envolve uma zona de conexão entre vários ambientes do desenvolvimento, definindo-os como: microsistema, mesossistema, exossistema e macrosistema.

Para conceituar esses componentes e melhor entendê-los, o autor definiu que o microsistema ocorre em um contexto imediato, envolvendo as experiências vivenciadas pelo indivíduo em desenvolvimento no que tange às atividades, aos papéis e às relações interpessoais. O mesossistema envolve a inter-relação entre dois ou mais ambientes a que o indivíduo em desenvolvimento pertence e no qual desempenha suas funções. O exossistema se figura através da interferência indireta no desenvolvimento do indivíduo, dos eventos que acontecem nos ambientes que os indivíduos em desenvolvimento não participam, mas pelos quais são influenciados

por meio de contatos imediatos com os que participaram destes. Por fim, os macrossistemas, que resultam da interação entre o microsistema, o mesossistema e o exossistema, apresentando, assim, as características destes três componentes e podendo ser destacado como um padrão de identidade de uma cultura ou subcultura (BRONFENBRENNER, 1996, 2011).

É válido pontuar que, segundo Amorim (2007), a adolescência é considerada a fase de desenvolvimento em que o indivíduo adquire uma maior afeição pelo outro, e também desenvolve uma maturidade emocional; nesta fase a relação entre os indivíduos adquire uma importância significativa. Em vista disso, pode-se compreender que o microsistema é a área de conexão dos ambientes de maior interferência na adolescência (BRONFENBRENNER, 1996) dado que, dentro deste, conforme já dito, as atividades, os papéis e as relações interpessoais atuam no desenvolvimento psicológico do indivíduo em desenvolvimento (AMORIM, 2007). Diante disso, verifica-se que o progresso do desenvolvimento do indivíduo, segundo essa teoria, conta com as particularidades relacionais da pessoa que é permeada por todos os contextos acima citados, desde o imediato até o mais complexo e distante.

O quarto e último núcleo da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento é o tempo. Este considera as mudanças no desenvolvimento humano ao longo do ciclo vital. As transformações e a constância com que acontecem na esfera pessoal e social são percebidas na adolescência a depender do período histórico vivenciado pelo indivíduo em desenvolvimento.

São acontecimentos previstos ou inesperados que devem levar em consideração a composição do cronossistema, que é composto pelo micro, meso e macrotempo. O microtempo é entendido como o tempo presente e habitual em que acontecem as interações durante o período de desenvolvimento do indivíduo; o mesotempo diz respeito a uma maior periodicidade do tempo como dias, semanas, anos e as repercussões significativas fruto destas interações no desenvolvimento humano (BRONFENBRENNER, 1996, 2011). O último da composição do cronossistema é o macrotempo, este, segundo Tudge (2012, p. 219): “[...] refere-se ao fato de que os processos de desenvolvimento, em geral, variam de acordo com eventos históricos singulares que estão ocorrendo quando os indivíduos em desenvolvimento têm uma ou outra idade”.

Dessa forma, a compreensão do desenvolvimento humano perpassa por todo o sistema bioecológico em que o indivíduo se encontra inserido. O indivíduo, independente da fase em que se encontra ao longo da adolescência, é envolvido por um processo de desenvolvimento recíproco, interferindo, assim, nas transformações do meio em que se encontra e também se adequando a estas (BRONFENBRENNER, 1996).

A análise dessa teoria nos remete à importância de perceber o processo de desenvolvimento do adolescente dentro dos seus grupos (contexto), levando em consideração a constituição do tempo para um melhor entendimento da evolução deste desenvolvimento que poderá refletir na sua perspectiva de futuro.

#### 4 ESTRATÉGIA METODOLÓGICA

O estudo utilizou como metodologia a pesquisa qualitativa exploratória. A pesquisa qualitativa aborda os fenômenos humanos; esta envolve questões muitas vezes imensuráveis e particulares das ciências sociais, interpretando as relações humanas. Esse tipo de pesquisa ocupa-se com o universo dos significados, na singularidade dos acontecimentos que envolvem os indivíduos no seu convívio social, ficando difícil o objeto da pesquisa ser quantificado em números e indicadores (MINAYO, 2013).

É válido lembrar que a finalidade da pesquisa qualitativa não é contar as opiniões das pessoas e sim explorar as diversas posições e representações sociais sobre o tema que se pretende investigar. Os grupos sociais apresentam características comuns e singulares que nunca se esgotam, e, embora o pesquisador não precise contemplar todas as falas e expressões dos investigados, existem posições divergentes no mesmo grupo social, devendo o investigador destacar sua importância (MINAYO, 2013).

Além disso, foi utilizada a pesquisa bibliográfica na construção do referencial teórico e revisão de literatura. Este é um tipo de investigação que faz o pesquisador percorrer o que foi escrito sobre o tema ajudando a visualizar uma nova abordagem sobre o que já foi estudado (MARCONI, LAKATOS, 2003).

Como técnica de coleta de dados, foi utilizada a entrevista semiestruturada. Minayo (2013) elucidam que a entrevista acontece por intermédio de uma conversa entre duas pessoas, por meio da iniciativa do pesquisador e possui o objetivo de conceber informações relativas a um objeto de pesquisa. Quando é classificada em semiestruturada, o entrevistador tem o poder de direcionar a entrevista se colocando frente ao tema quando necessário, sem estar aprisionado às questões elaboradas por ele.

E também, com o objetivo de obter informações sociodemográficas dos participantes, foi utilizado um formulário adaptado do Critério de Classificação Econômica do Brasil - ABEP (APÊNDICE A).

Ademais, para que a entrevista apresente maior êxito, alguns itens devem ser levados em consideração: o local escolhido para a realização deve ser confortável e assegurar privacidade; o entrevistador deverá se apropriar do tema a ser pesquisado assim como manter uma boa postura com perguntas simples sequenciadas e com

uma linguagem apropriada ao nível intelectual do entrevistado; durante a entrevista, deve-se manter sempre um relacionamento empático o que cria um ambiente favorável para o entrevistado (BARROS; LEHFELD, 2000).

Salienta-se que, após a transcrição das entrevistas semiestruturadas aplicadas para esta pesquisa, os dados foram interpretados pelo método da análise de conteúdo. Este é um conjunto de técnicas de pesquisa que procura encontrar um entendimento nas comunicações obtidas através da coleta de dados, e acontece por meio de três etapas que permitem o pesquisador analisar, sistematizar e validar os dados coletados (CAMPOS, 2004; MINAYO, 2013).

A primeira etapa compreende a pré-exploração do material, a qual deriva de leituras flutuantes que levam ao pesquisador uma maior interação com o material coletado e o permite traçar o início de uma sistematização dos dados. A segunda etapa é a seleção das unidades de análise; nesta fase, por meio das respostas obtidas com o auxílio das questões, o pesquisador selecionará os recortes a serem utilizados, os quais poderão ser palavras, sentenças, frases ou um texto completo de diários, livros ou entrevistas. A última etapa da análise de conteúdo é o processo de categorização e subcategorização que consiste na classificação dos elementos selecionados na fase anterior em categorias. Estas irão exprimir significados, novos conhecimentos ou uma visão diferenciada dos elementos selecionados, baseado no objetivo do estudo, através da análise do pesquisador. A interpretação dos dados se valida através de inferências baseadas em teorias dentro de um contexto histórico e social (CAMPOS, 2004; MINAYO, 2013).

## 4.1 CONTEXTO DA INVESTIGAÇÃO

### 4.1.1 Local do estudo

A pesquisa ocorreu no Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha (CEZA), uma Organização não governamental (ONG) que surgiu da iniciativa de um grupo privado. Fundado em 28 de janeiro de 2000, o CEZA está localizado no entorno geográfico do Loteamento Estiva de Buris, Vila de Abrantes, município de Camaçari, estado da Bahia. No ambiente em que está localizado o CEZA, estão presentes problemas pertinentes a comunidades, marcados pela violência, marginalização, coletivos empobrecidos, entre outros (SOUZA, 2019).



Salienta-se que as informações acerca do CEZA foram obtidas a partir de conversas informais com os responsáveis pela organização e direção da instituição assim como foram extraídas do site da ONG<sup>4</sup>.

A instituição adota como visão ser uma entidade caracterizada por prestar serviços comunitários e pela transformação da realidade social, econômica e financeiras das comunidades carentes. A ONG atua na comunidade através de voluntariado e de doações, em serviços de infraestrutura de saneamento básico, higiene ambiental na coleta seletiva de resíduos sólidos; ciclo de palestra às famílias na orientação sobre o uso de drogas e entorpecentes e combate à violência, entre outras.

Além disso, o CEZA é uma instituição sem fins lucrativos que tem como missão contribuir para minimizar o impacto de carências sociais na visão de formar cidadãos responsáveis, conscientes, produtivos, participativos e solidários e nos princípios dos valores éticos, de respeito e solidariedade. Este trabalho é realizado pela ONG através do atendimento formativo e educativo, o qual está organizado em doze ciclos curriculares de seguimento letivo, por Núcleos de Serviço Social, Educação, Psicologia, Psicopedagogia, Nutrição, Assistência Odontológica, Médica e Enfermagem e Oficinas multidisciplinares (Cidadania, Musicalização, Informática), desenvolvidos por profissionais voluntários. A instituição trabalha com Projetos de Intervenção social, cultural, ambiental e profissionalização.

A seleção das crianças e dos adolescentes para frequentar a instituição é realizada por uma equipe do CEZA composta por assistente social, psicóloga e pedagoga entre moradores da região que estejam matriculados na escola, sempre se levando em consideração critérios socioeconômicos. As famílias que frequentam o CEZA se enquadram no perfil socioeconômico e sociocultural entre as classes C e D e residem nas proximidades da instituição. O critério utilizado foi o da Classificação Econômica Brasil (CCEB) que classifica as pessoas e famílias urbanas em classes econômicas e estima o poder de compra das pessoas (ANEXO B).

Até o ano de 2015, o CEZA somente atendia a crianças com a idade de 4 a 12 anos; a partir desta data, após constatar que os adolescentes, quando completavam a idade permitida, saíam da instituição sem uma perspectiva de futuro digna, ampliou a idade de permanência na instituição para os 17 anos. A direção do

---

<sup>4</sup> Portal do CEZA: <https://ceza.org.br/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

CEZA espera que esta ampliação na idade de permanência e a frequência em algum curso técnico ou profissionalizante possa melhorar a performance destes adolescentes, tornando-os produtivos, empregáveis e até mesmo empreendedores, buscando sua sobrevivência no mundo.

No ano de 2020, a instituição contava com 142 crianças matriculadas nos turnos matutino e vespertino, sendo 69 meninas e 73 meninos, estes distribuídos em turmas de acordo com a sua faixa etária, da seguinte forma: na turma de 4 a 7 anos, havia 15 meninas e 25 meninos; na turma de 8 a 12 anos, frequentavam 39 meninas e 31 meninos; e na turma de 13 a 17 anos, verificavam-se 15 meninas e 17 meninos.

Devido à pandemia pelo COVID-19, a instituição, no ano de 2020, suspendeu suas atividades presenciais, ficando, então, com o quadro reduzido de funcionários, sendo: 01 ajudante de cozinha, 01 auxiliar administrativo, 01 ajudante de serviços gerais e o gerente, além dos voluntários. Neste contexto, essas pessoas estão realizando distribuição de cestas básicas com a utilização do estoque de mantimentos da cozinha da instituição, desenvolvendo projetos de atuação à distância, tais como distribuição de recursos para incentivo à higiene e à saúde. Associado a isso, a equipe de enfermagem tem realizado uma triagem de saúde de todos os alunos matriculados em 2020, visando a avaliar as necessidades individuais para posterior encaminhamento aos especialistas voluntários. Outra atividade realizada foi a revisão da forma de atuação da entidade, objetivando ampliar o atendimento após a retomada das atividades presenciais, buscando parcerias e objetivando à sustentabilidade da instituição e ao desenvolvimento da comunidade que tem sofrido pela falta da escola regular e das atividades que geram ocupação do tempo ocioso dos adolescentes.

Importante ressaltar que a falta de apoio financeiro e social que organizações não governamentais enfrentam, correntemente, são responsáveis pelo fim de suas atividades, deixando uma lacuna para as populações que necessitam do seu apoio e de sua atuação.

**Figura 01 – Fachada do CEZA**

Fonte: CEZA (2019<sup>5</sup>).

#### **4.1.2 Participantes da pesquisa**

Participaram, deste estudo, 15 adolescentes com idades variando entre 10 e 15 anos, de ambos os sexos (oito pertencentes ao sexo feminino e sete ao sexo masculino), matriculados há mais de um ano no Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha. A escolha cronológica da idade segue as diretrizes da Organização Mundial de Saúde (OMS) que caracteriza adolescência como o período entre 10 a 19 anos, sendo esta mesma definição também seguida pelo Ministério da saúde (MS). Foram excluídos da pesquisa os adolescentes de ambos os sexos que tiveram diagnóstico de deficiência intelectual ou de doença mental. A pesquisa respeitou todas as recomendações da Resolução 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde (CNS).

#### **4.1.3 Técnicas empregadas e procedimento da coleta**

Inicialmente, a seleção dos adolescentes aconteceu com a ajuda da coordenação do CEZA, por meio de um levantamento da idade cronológica dos jovens inscritos e frequentadores na instituição. Houve um contato inicial da

---

<sup>5</sup> Disponível no Portal do Ceza: <https://ceza.org.br/quem-somos/>. Acesso em: 10 abr. 2020.

entrevistadora com os pais ou responsáveis pelos adolescentes selecionados explicando-lhes sobre a pesquisa, sobre o termo de Consentimento Livre e Esclarecido e o Termo de Assentimento Livre e Esclarecido – TCLE (APÊNDICE C).. Neste momento, os pais ou responsáveis que estiveram de acordo, assinaram o documento

Após o consentimento dos pais/responsáveis, houve um primeiro contato da entrevistadora com os adolescentes para explicar-lhes o objetivo da pesquisa, bem como para coletar as autorizações por meio da assinatura do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido - TALE (APÊNDICE D). Foram fornecidas orientações sobre como a entrevista transcorreria e a importância das suas respostas, assim como qual a contribuição que o estudo poderia oferecer à sociedade a partir do conhecimento dos desejos deles para o futuro e quanto a se há alguma interferência familiar nestes desejos. Finalmente, foram fornecidos esclarecimentos acerca da escolha da instituição para realização da pesquisa e sobre qual instituição a pesquisadora está vinculada.

Após assinatura dos termos, a entrevista foi agendada com cada adolescente, individualmente, respeitando o seu horário de frequência na instituição. Utilizou-se como instrumento de coleta de dados para traçar o perfil sociodemográfico dos participantes um formulário, inicialmente com perguntas, tais como: nome, sexo, idade, religião, número de pessoas na família, ordem de nascimento, raça, ocupação do pai, ocupação da mãe, classe econômica (segundo o Critério de Classificação Econômica Brasil - CCEB). Após a coleta destes dados, a entrevista seguiu com perguntas acerca da vida dos adolescentes e de sua família, referente às suas expectativas e desejos para o futuro, o significado da família para eles e a relação desta no seu futuro. O roteiro de entrevista utilizado para coleta de dados foi elaborado pela autora do estudo e sua orientadora (APÊNDICE B).

No mês de março de 2020, antes da pandemia por COVID-19, foram feitas seis entrevistas, e posteriormente, durante a pandemia, em outubro, mais dez entrevistas, todas presencialmente. As entrevistas realizadas anteriormente à pandemia foram realizadas em uma sala separada das demais com o intuito de reduzir as interferências do ambiente, de outros adolescentes e de funcionários da ONG. As entrevistas realizadas durante a pandemia do corona vírus (COVID-19) seguiram os protocolos de segurança adotados pelo Ministério da Saúde. Assim, ao chegarem para serem entrevistados, os adolescentes foram orientados quanto à

importância e à necessidade do uso obrigatório da máscara, a realização da higiene das mãos com álcool em gel 70%, o não compartilhamento do material de uso individual (copos e canetas); sendo que todo esse material foi disponibilizado pela instituição. O ambiente foi mantido arejado, com as janelas abertas e respeitando-se o distanciamento de pelo menos um metro entre a entrevistadora e os entrevistados. E, após cada entrevista, a pesquisadora realizou a desinfecção do ambiente com álcool a 70%. As entrevistas foram gravadas, pelo programa de gravação de voz, com a finalidade de um melhor entendimento e transcrição posterior *ipsis literis* pela pesquisadora. Ressalta-se ainda que a coleta de dados foi realizada após aprovação pelo Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica do Salvador.

Destaca-se ainda que foi preciso estimular os adolescentes a falarem durante as entrevistas, pois estes, em sua maioria, apesar de terem sido bastante colaboradores, demonstravam-se tímidos, o que os impedia de se expressarem mais, por conseguinte a duração de cada entrevista não ultrapassava os 20 minutos.

#### 4.2 ANÁLISE DOS DADOS

Após a transcrição, foram feitas repetidas leituras conseguindo assim uma maior intimidade com o material e início da categorização dos dados. Em seguida, foi realizada a categorização dos dados por meio de uma trilha interpretativa, ajudando assim a revelar significados e permitindo um novo olhar sobre estes. Posteriormente, estas informações foram validadas com base no material selecionado por intermédio da pesquisa bibliográfica; mas sem a intenção de generalizar os resultados e interpretados por meio da análise de conteúdo.

Sendo assim, a análise de conteúdo foi validada por meio de cumprimento de três etapas: i) a pré-exploração do material; ii) a seleção das unidades de análise; e iii) o processo de categorização e subcategorização (CAMPOS, 2004; MINAYO, 2013).

#### 4.3 ASPECTOS ÉTICOS

Considerando os aspectos éticos e legais das pesquisas envolvendo seres humanos e baseando-se na Resolução nº 510/16 do Ministério da Saúde do Conselho Nacional de Saúde (CNS) que determina as diretrizes éticas específicas

para as ciências humanas e sociais (CHS), os dados foram coletados pela pesquisadora após a autorização do Comitê de Ética e Pesquisa da Universidade Católica do Salvador (UCSAL), da assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE) pelo responsável pelo participante da pesquisa, e, por fim do Termo de Assentimento Livre e Esclarecido (TALE) pelos participantes (adolescentes). Os termos referidos são compostos de aspectos éticos que visam à integridade, o bem estar e o cuidado com os participantes do estudo.

Os participantes e seus responsáveis foram esclarecidos quanto ao objetivo e procedimento da pesquisa e assegurados quanto à garantia de confidencialidade dos dados fornecidos. Nesse sentido, a transcrição dos dados foi feita pela própria pesquisadora e procedeu-se à substituição dos nomes reais por nomes fictícios. Estes nomes fictícios utilizados na pesquisa para identificar os adolescentes foram extraídos das próprias entrevistas considerando termos citados pelos participantes quando estes se referiram à família, tais como amor, união, paz e sonho.

O estudo ofereceu risco mínimo já que não se realizou nenhuma intervenção ou modificação intencional nas variáveis fisiológicas, psicológicas e sociais dos participantes. Estes foram informados que tinham a liberdade de desligar-se da pesquisa em qualquer momento que sentissem vontade, como também de obter informações sobre a pesquisa quando necessário.

Durante a investigação, a pesquisadora levou sempre em consideração o respeito aos valores culturais, sociais, morais e religiosos, assim como os hábitos e os costumes dos participantes da pesquisa, assegurando-lhes a confidencialidade e a privacidade, a proteção da imagem e a não estigmatização, garantindo, assim, a não utilização das informações em prejuízo das pessoas.

## **5 DO SONHO, UMA PONTE: ANALISANDO OS RESULTADOS DA PESQUISA**

Neste capítulo, apresentaremos os dados coletados a partir das entrevistas, e do formulário sobre os dados sociodemográficos dos participantes, bem como as interpretações e inferências produzidas ao longo do tratamento e análise das informações coletadas.

Conforme já dito, foram entrevistados, para este estudo, quinze adolescentes, com idade entre 10 a 15 anos, de ambos os sexos, matriculados no CEZA. Ao responderem às questões referentes à caracterização sociodemográfica, nove destes participantes se autodeclararam pardos e seis negros. A família nuclear dos entrevistados é composta por duas a cinco pessoas, sendo que quatorze delas têm o pai e a mãe morando juntos, e apenas uma tem uma composição diferente, por morar com a tia, a avó, o primo e o irmão. Quanto ao tempo de frequência dos adolescentes no CEZA, havia uma variação de dois a nove anos (cf. Quadro 1). Todos esses adolescentes tinham como ocupação ser estudante, e no turno oposto, eles frequentam a ONG, onde participavam das atividades propostas através de projetos multidisciplinares.

Quadro 1 – Dados sociodemográficos dos participantes

<b>Participante</b> (nome fictício)	<b>Idade</b>	<b>Sexo</b>	<b>Cor/raça</b>	<b>Anos de frequência no CEZA</b>	<b>Número de pessoas na família nuclear</b>
Tudo	13	M	Pardo	8	3 (pai, mãe e ele)
Amor	12	M	Pardo	9	3 (pai, mãe e ele)
União	13	F	Pardo	7	5 (pai, mãe, irmã, irmão e ele)
Fé	14	M	Negro	8	2 (mãe e ele)
Felicidade	12	F	Parda	4	5 (tia, avó, primo, irmão e ela )
Carinho	10	F	Negra	6	4 (pai, mãe, irmã e ela)
Segurança	12	F	Parda	4	4 (pai, mãe, irmã e ela)
Abrigo	13	M	Negro	3	5 (pai, mãe, irmã, irmão e ele)
Junto	10	F	Parda	2	5 (pai, mãe, 2 irmãs e ela)
Amorosa	12	F	Parda	3	4 (pai, mãe, irmã e ela)
Perto	10	F	Negra	6	4 (pai, mãe, irmão e ela)
Paz	14	M	Negro	2	4 (pai, mãe, irmão e ele)
Sonho	15	M	Negro	6	4 (pai, mãe, irmão e ele)
Abrigado	14	M	Pardo	2	5 (pai, mãe, 2 irmãos e ele)

Fonte: Dados de pesquisa (2020).



A partir das entrevistas foram definidas duas categorias de análise denominadas: Desejo de futuro e Família e futuro.

## 5.1 DESEJO DE FUTURO

“Nunca deixe que lhe digam que não vale a pena  
Acreditar no sonho que se tem  
Ou que seus planos nunca vão dar certo  
Ou que você nunca vai ser alguém [...]”.  
(Mais uma vez. Renato Russo)

Para iniciar este capítulo, foi escolhida a estrofe da música “Mais uma vez”, de Renato Russo, por acreditar que esta nos aviva questões importantes e essenciais para analisar e discutir o que os adolescentes esperam do futuro. Vamos adentrar nos sonhos dos adolescentes do estudo; sonho que, segundo o dicionário Aurélio, significa, no sentido figurado: desejo, aspiração (FERREIRA, 2004a). Esses sonhos, na fase da adolescência, se encontram carregados de esperanças de que, mesmo diante das adversidades que a vida lhes impõe, fica a expectativa do futuro sonhado.

Souza e Arinelli (2019) asseveram que é na adolescência que se manifesta a relação entre a imaginação e realidade. Nesta fase, ocorre uma ascensão significativa no desenvolvimento humano; a partir deste momento, o entendimento humano deixa de ser observativo direto para transpor sua própria experiência. Segundo Vigotski, conforme comentado por Souza e Arinelli (2019, p. 9), “[...] ainda que a matéria básica da imaginação seja a experiência do sujeito, sua dinâmica consiste em permitir-lhe extrapolar a realidade vivida empiricamente justamente para criar outras experiências pela via da imaginação”.

Roldão, Camargo e Dias (2019) afirmam que na adolescência são formados os conceitos por meio dos quais estes indivíduos irão perceber a realidade envolvendo as pessoas ao seu redor. A partir daí, o adolescente passa a ter uma consciência social progressiva em todas as esferas. O pensamento então passa a ter uma convicção interna conduzindo seus interesses, incluindo desejos e propósitos. Na adolescência, a imaginação cria “assas” e já não é apenas a sua experiência que conta, a experiência dos semelhantes passam a fazer parte do seu imaginário e assim novas possibilidades de agir, sentir e se relacionar com o meio se iniciam. Os sonhos que coadunam com a imaginação ajudam o adolescente a

experienciar novas emoções e acessar outras realidades. Souza e Arinelli (2019) colocam que:

É pela via da imaginação que o homem pode gerar relações espaço temporais novas, viver experiências sem nunca ter transitado em determinado tempo ou estado em certos lugares. E esta é uma dimensão libertadora do ato de imaginar” (SOUZA; ARINELLI, 2019, p. 7-8).

Corroborando os autores supracitados, Colognese (2000) defende que:

[...] No fundo, a interioridade que o adolescente busca é de mudança e transformação. Seus espaços interno e externo estão sendo remodelados e ela almeja continuidade e consolidação. E é através das fantasias, dos sonhos que ele busca um lugar no mundo adulto e assim se projete o futuro. Assim pode captar a realidade e se colocar nela (COLOGNESE, 2000, p. 118).

Traçando um paralelo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano de Bronfenbrenner, vale lembrar o terceiro núcleo do seu modelo que cria uma zona de conexão entre todos os ambientes, denominados como microssistema, mesossistema, exossistema e macrossistema (Vide capítulo 3). No exossistema, o indivíduo em desenvolvimento não é um participante ativo, assim, nesse ambiente, o adolescente pode ser influenciado indiretamente através das comunidades a que pertence (BRONFENBRENNER, 1996, 2011). O indivíduo em desenvolvimento pode ser afetado por acontecimentos que ocorreram no exossistema através da conexão dos processos microssistemicos (YUNES; JULIANO, 2010).

No mundo contemporâneo, as comunidades se tornaram mais acessíveis; a partir do advento da internet, os adolescentes passaram a dispensar uma grande parte do seu tempo conectados através de celulares, tablets ou computadores; as redes sociais virtuais, por sua vez, são compostas por diversos dispositivos como chats, publicações entre outros recursos. Esta conectividade possibilita um acesso a todo tipo de informação que, por seu turno, desperta no adolescente novos desejos a nível social, econômico e profissional. Percebe-se o sonho de futuro como reflexo de uma imaginação, vontade de viver novas experiências, influenciados mediante o conhecimento dos novos ambientes até então nunca adentrados de modo físico. Reconhecemos esse desejo através nas narrativas dos adolescentes quando questionados qual o seu sonho de futuro:

[...] Viajar pra conhecer o mundo. (Junto, 10 anos)

[...] disse a minha mãe que quando eu crescer eu vou morar em São Paulo para conhecer tudo que tem lá. (Felicidade, 12 anos)

Um aspecto importante, de acordo com a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, é o cenário em que o adolescente se encontra inserido (contexto histórico e social) e também as características particulares de cada indivíduo, fundamentais para o seu desenvolvimento (MARTINS; SZYMANSKI, 2004). Dessa forma, o microsistema na teoria é entendido como as vivências que ocorrem no contexto imediato em que o indivíduo é submetido no decorrer de sua vida (BRONFENBRENNER, 1996, 2011). Pode-se exemplificar essa afirmação através do relato de uma adolescente do estudo que vivencia durante toda sua infância a rotina do pai, sentindo-se motivada a reproduzir a profissão com a qual já teve contato, ou seja, deseja seguir a mesma profissão. Podemos reconhecer a influência do processo proximal e do microsistema da referida teoria na fala da adolescente, que “entrelaça” seu futuro às experiências vividas na família com o próprio pai:

Eu vou ser caminhoneira, ter meu próprio caminhão, por que meu pai é e eu também quero ser. (Amorosa, 12 anos)

Encontramos ainda uma narrativa em que a influência do microsistema aparentemente não é percebida, como no caso da adolescente “Junto”, a qual dá uma relevância maior ao seu desejo, podendo nos remeter ao segundo núcleo do modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo) da Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, que é a pessoa. Lembrando que este núcleo compreende levar em consideração as características particulares do adolescente interagindo com o ambiente. Uma adolescente do estudo em seu relato provavelmente explicita um desejo íntimo, pessoal, trazendo como dúvida a influência do seu ambiente:

“Quero ser modelo, [...] talvez casar e ter filhos.” (Junto, 10 anos).

A Teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano também traz dentro do “meio ambiente ecológico”, o mesossistema, que corresponde à conexão entre os

ambientes em que o adolescente pertence e realiza suas funções (BRONFENBRENNER, 1996, 2011). Exemplo desta influência podemos perceber na colocação de “Felicidade”:

“[...] Estudar muito, ser esperta porque na hora que eu crescer, aí vai ter que fazer, como é mesmo ehhhh, ir para faculdade assim, até eu me formar para ser médica, e o médico que eu quero ficar é o Roberto Santos que é onde eu nasci, eu conheço todo mundo lá, todo mundo me trata bem, sou acompanhada lá eu faço acompanhamento lá. (Felicidade, 12 anos)

Entendemos que a experiência vivenciada pela adolescente durante um período grande de sua infância e início da adolescência pode ter produzido marcas significativas que geraram desejos para o seu futuro. O tão sonhado projeto de futuro, que para o adolescente é a oportunidade de melhorar a condição social vivenciada, é possível quando acontece o incentivo, o reconhecimento e a assistência da família ou de outros ambientes que estes vivenciam (ALCÂNTARA; PETRINI; SANTOS, 2016).

Outro aspecto a citar é a preocupação em colaborar para o sustento familiar. Este é observado nos jovens da camada popular ao adentrar na adolescência, em geral, devido às expectativas que os familiares depositam sobre eles. A responsabilidade que esta condição traz oferece muita insegurança e contradição na relação dos adolescentes com o futuro, confrontando a responsabilidade do provimento do lar com o desejo de cursar uma universidade e ter um sucesso profissional (REIS, 2014). Santos (2005) considera que a família para os adolescentes é relevante na ocasião da escolha da profissão, podendo interferir de maneira positiva ou não nesse momento. Todavia, verifica-se no nosso estudo que, ainda que tenha dúvidas quanto ao seu desejo para o futuro, a vontade de ajudar sua família antecede a esta preocupação:

“[...] Pretendo estar fazendo uma faculdade. Mas eu fico em dúvida de ser pediatra ou advogada. Não quero nem casar e nem ter filhos, quero trabalhar para ter minha casa, ajudar meus pais.” (União, 13 anos)

“[...] Ajudando minha família e estudando, quero ser veterinária.” (Perto, 10 anos)

Ainda que seja percebida, na contemporaneidade, uma diminuição na intensidade da interferência familiar, esta conserva um papel específico a nível microsocial, desempenhando uma função representativa e peculiar a cada fase do desenvolvimento de seus membros, dentro do contexto social (PRATTA; SANTOS, 2007b). Percebemos nas colocações dos adolescentes que frequentam o CEZA a necessidade da proximidade da família e a importância em satisfazer os desejos familiares:

“[...] Deixar minha família feliz”. (Tudo, 13 anos)

“[...] Comprar uma casa botar e minha mãe dentro e minha família de parte de mãe”. (Fé, 14 anos)

“[...] dar coisas melhores para eles no futuro”. (Amor, 12 anos)

No entanto, a família nem sempre é o “ser” ou “está” no desejo de futuro dos adolescentes, visto que, por vezes, pode haver uma necessidade de ruptura, ou seja, de caminhar em busca de seus ideais sem a interferência familiar. Isto é o que as narrativas abaixo nos mostram.

“[...] minha mãe queria que eu fosse outra coisa, mas eu disse que só quero ser jogador e acabou.” (Amor, 12 anos)

“[...] pretendo não está mais morando com meus pais, pretendo estar morando sozinho, talvez namorando, ninguém sabe...” (Abrigo, 13 anos)

“[...] Alguns dias na Coreia, quem sabe?” (Segurança, 12 anos)

Colognese (2000) justifica esse fato devido os adolescentes experimentarem um conflito interior muito aceso, entre a criança passada e o adulto em construção, uma recusa ao passado e tudo que o envolve, além de estarem em contato com muitas novas referências, as quais podem ajudar ou atrapalhar na construção do seu futuro.

A pouca idade da entrevistada “Felicidade”, ainda imatura em seus desejos, pode justificar o fato de ela não demonstrar uma preocupação maior, ou responsabilidade em prover o seu sustento no futuro, seu desejo provavelmente é baseado em uma grande admiração que sente por uma cantora, como podemos conferir na sua fala a seguir:

“[...] O meu maior desejo é de ver uma cantora que eu gosto muito e que eu sonho em ver muito, é Larissa Manuela, eu sei todas as músicas dela, a novela dela ... O Resgate, conhecer os pais dela o ex-namorado dela que é Joaquim e conhecer todo mundo que grava com ela lá em São Paulo...” (Felicidade, 12 anos).

A maturidade, segundo a teoria desenvolvimentista de Donald Super (1963) apud Cericatto, Alves e Patias (2017), deve estar compatível com a idade cronológica em que o indivíduo se encontra. Na Psicologia, a maturidade pode ser definida como uma progressão nos recursos cognitivos e afetivos necessários para enfrentar uma nova função.

É na adolescência que acontece o processo de amadurecimento dos meninos e das meninas, e este se dá por meio de desconstruções necessárias, através de crises e perdas, compreendidas como parte de uma fase do desenvolvimento humano, indispensável na constituição do indivíduo. O reconhecimento e as relações sociais são fundamentais no processo de amadurecimento do indivíduo. É importante que os adolescentes se sintam pertencentes a grupos sociais, estes irão atuar protegendo-os e contribuindo na formação da autonomia e independência dos mesmos (ALMEIDA; DAGASH, 2019).

O gênero pode ser caracterizado como uma construção social independente da cultura, esse não se limita apenas às diferenças biológicas entre os sexos (CHILAND, DOUEK, 2014). Considerando que a fase da adolescência é um período de redefinição de identidades, o que inclui a construção do gênero, Bordini (2010), em sua dissertação de mestrado, procurou conhecer quais as concepções do adolescente sobre o que é ser homem e ser mulher, e para alcançar tal finalidade, promoveu questionamentos entre os papéis atribuídos ao homem e à mulher entre os adolescentes pesquisados o qual revelou uma predominância dos papéis tradicionais de gênero.

Analisando as falas em relação à questão de gênero, percebe-se que, quando as meninas colocam suas expectativas e desejos para o futuro, o desejo de inclusão familiar é grande.

“[...] Quero estar morando com minha família.” (Perto, 10 anos)

“[...] no caso eu levaria eles pra todo lugar, todo mundo...” (Junto, 10 anos)

“[...] Pretendo levar minha mãe e meu irmão comigo” (Relação, 13 anos)

Na história da humanidade, no final do século XVIII e século XIX, coube exclusivamente à mulher assumir o papel da maternidade, cuidadora da prole em tempo integral e responsável pelo espaço individual da família, associado a renúncias pessoais (BRAGA, AMAZONAS, 2005). Mesmo hoje na contemporaneidade, com a constante modificação e questionamentos podemos perceber a manutenção e a perpetuação desses papéis.

Notamos que quatro meninas demonstraram desejos que podem ser atrelados ao anseio de constituir uma família, inclusive com a presença de filhos e de animais:

“[...] Quero estar casada e trabalhar com animal, sendo veterinária”.  
(Carinho, 10 anos)

“[...] Quero casar e ter filho no futuro... (Segurança, 12 anos)

“[...] na minha vida pessoal, eu quero me casar, ter filhos ou um ou dois...” (Felicidade, 12 anos)

“[...] talvez casar e ter filhos”. (Junto, 10 anos).

O estudo de Paixão, Santos e Ramos (2008), que objetivou analisar as percepções de gênero em relação a papéis e diferenças construídas socialmente, demonstrou que os adolescentes ainda têm princípios convencionais e hierarquizados entre o “ser homem” e “ser mulher”, o que reflete no cotidiano, tendo em vista que a divisão dos papéis entre os gêneros masculino e feminino foi historicamente estruturada. Dessa forma, constantemente, às meninas é direcionado o cuidado com a casa e com os irmãos menores, em contrapartida para os meninos é designado explorar a rua e apor sua vontade as das meninas (DIAS; AQUINO, 2006).

No discurso dos entrevistados do sexo masculino, ficou mais evidente o quesito da satisfação pessoal, nos quais percebemos um direcionamento maior para as profissões, em que o sucesso profissional esteja atrelado a obter status, dinheiro e reconhecimento pela sociedade, conforme explicitado a seguir:

“[...] Queria seguir carreira, emprego dentro da polícia, vi um vídeo em que um rapaz pegou polícia militar, civil e exército e o que ele gostou ele seguiu.” (Fé, 14 anos).

“Trabalhando como bombeiro...” (Abrigado, 14 anos)

“[...] Jogando futebol, assim, um futebol em um time grande, assim tipo Real Madrid assim... sou o goleiro, daqui a dez anos quero estar como goleiro do Real Madri”. (Tudo, 13 anos)

“[...] Ser jogador, o maior jogador, tipo Messi, quero ser melhor do que ele... Jogo em um time em Abrantes em um time lá, segunda, quarta e sexta, às vezes vou de manhã e de tarde...” (Amor, 12 anos)

Dos entrevistados, dois adolescentes vislumbram para o seu futuro seguirem a carreira de jogador de futebol, conforme pode ser observado nas narrativas acima. A profissionalização do futebol acrescido ao prestígio que este representa nacional e internacionalmente exerce uma forte influência nos jovens da classe média e de classe baixa, que enxergam no esporte uma oportunidade de melhorar o seu futuro. As poucas chances no mercado de trabalho e o deficiente ensino público para as novas gerações fazem com que o adolescente portador de habilidades com os pés se torne uma promessa de ascensão social para sua família. Entretanto, nem sempre o sucesso é garantido para todos que têm este desejo, neste sentido, é indispensável que os jovens não abandonem os estudos que os ajudarão a encontrar uma oportunidade de trabalho (OLIVEIRA; ROBAZZI, 2001). A presença da família e de uma rede de apoio irá ajudá-los a não se sentirem desmotivados para buscar novas possibilidades.

Dois meninos, por outro lado, manifestaram a vontade de realizar o futuro profissional tão sonhado através dos seus desejos. Pareceu-nos transformar estes em escolhas.

“[...] trabalhando no que eu mais gosto que seja informática” (Abrigo, 13 anos)

“[...] Quero estar na faculdade de Biologia marinha, amo isso, e trabalhando para pagar meus estudos e se eu estiver morando sozinho.” (Paz, 14 anos)

A decisão da escolha da profissão é um momento difícil para os adolescentes, considerada, para muitos, como parte de um futuro ainda longínquo, carregado de dúvidas, desconhecimento das profissões e carência de oportunidades. Tal fato ainda pode estar associado à falta de maturidade, de informações sobre o mercado de trabalho e de orientação profissional. Na nossa pesquisa, os participantes, ao serem questionados sobre como eles se enxergam daqui a dez anos, demonstraram



dúvidas, incertezas em relação ao futuro. Essa realidade pode ser observada nas falas de Carinho, Segurança e Sonho:

“[...] Sei, não... Ehhhh!!!! Me formar, me tornar uma veterinária”.  
(Carinho, 10 anos)

“[...] Deu branco!... Dançarina... terminar a faculdade e ter um trabalho com a dança.” (Segurança, 11 anos)

“[...] Estou com dúvidas... quero ter uma empresa... ainda não sei de que...” (Sonho, 15 anos)

Pensar e almejar um futuro melhor estão praticamente nos desejos de todas as pessoas, esse se torna mais evidente quando se trata dos adolescentes que, na concepção ocidental, são os responsáveis pela construção de um futuro melhor.

A teoria do desenvolvimento humano de Bronfenbrenner no seu modelo PPCT (processo, pessoa, contexto e tempo) nos ajuda a entender a correlação da influência direta e indireta entre os adolescentes e o seu contexto dentro da história. Nesse modelo, a pessoa em desenvolvimento interage em processos de interações bilaterais com outros indivíduos, símbolos ou objetos. Essas interações variam em concordância com as características individuais da pessoa, os contextos e o momento em que estão inseridos, promovendo benefícios ou disfunções no desenvolvimento do adolescente (BRONFENBRENNER, 1996, 2011).

Lerner e Overton (2008) acreditam que o futuro da ciência e da sociedade está nas mãos dos jovens, e que a estes deve ser viabilizado um desenvolvimento saudável, porque, é através dos adolescentes, em qualquer momento da história que vão progredir as sociedades. Em relação ao futuro, Colognese (2000) coloca que:

O desenho dos cenários do futuro é feito com base no mundo existente; porém o futuro dificilmente será uma projeção em linha reta da situação que vivemos atualmente. A capacidade de criação humana supera as futurologias aparentemente melhor construídas. Portanto, é preciso trabalhar com as poucas certezas disponíveis e estar preparado para o imponderável. E uma das poucas certezas no mundo é que o ser humano é capaz de chegar a um pensamento autônomo, assim, certamente estará em condições para enfrentar qualquer futuro. Mesmo porque ele próprio estará também ajudando a criá-lo. (COLOGNESE, 2000, p. 124)

Entendemos que, desta forma, a decisão de qual será a ocupação profissional futura não é uma tarefa simples; o desejo individual do adolescente, na maioria das vezes, não é determinante, esta decisão é marcada por processos relacionais, e a esta construção inclui considerar os fatores socioeconômicos, culturais, assim como, os princípios morais e éticos familiar (OLIVEIRA; SILVA; SILVA NETO, 2009).

A história de vida construída em uma comunidade, muitas vezes, é cercada de intercorrências e ocorrências sociais em que o desrespeito e a violência imperam. A convivência com esse tipo de relação faz com que os adolescentes busquem para o seu futuro uma história diferente daquela que eles estão acostumados a vivenciar. Percebemos esse desejo nos seguintes relatos:

“[...] Eu quero ser médica, na minha vida pessoal, eu quero me casar, ter filhos ou um ou dois, mas só que quando eu casar não quero um homem do mundo bêbado assim, eu quero um homem que seja crente assim igual a eu, que não chegue tarde 4, 5 horas da manhã assim da rua, tarde, quero um homem crente que faça parte da igreja que fique em casa vendo um filme, televisão.” (Felicidade, 12 anos)

“[...] Quero crescer!! Quero trabalhar e fazer a faculdade, não quero ter filhos não, porque acontece muita coisa, a violência, né, também tem que ter condições de dar as coisas e se eu tiver um marido e ele me largar, ele vai para casa dele e eu vou para minha.” (União, 13 anos)

Neste estudo, ao serem questionados sobre como eles pretendiam alcançar o desejo de futuro, apenas dois adolescentes se referiram à necessidade da força de trabalho para o alcance do futuro sonhado. O trabalho para o adolescente que pertence a uma camada mais popular aparece, às vezes, precocemente, desde a infância, cercado de responsabilidades, trazendo amadurecimento neste sentido. Dessa maneira, percebe-se uma projeção para o futuro em torno do trabalho integrado ao estudo, no qual as duas forças juntas obtêm um valor significativo para conseguir alcançar o seu desejo para o futuro.

“[...] Estudando e trabalhando.” (Sonho, 15 anos)

“[...] Trabalhar muito e estudar muito, só.” (Fé, 14 anos)

Em função das dificuldades financeiras da família, o adolescente de classe social menos favorecida inicia-se precocemente no mercado de trabalho, passando

a ser co-provedor; esta condição faz com que eles necessitem conciliar os estudos com o trabalho (ALVIM, 2001, ROMANELLI, 2000). Obter uma colocação profissional diferenciada, principalmente nas classes menos favorecidas, é consequência de um empenho pessoal traduzido pelo estudo e pelo trabalho. Sobre esse aspecto, Oliveira *et al.* (2001) discorrem que:

O futuro coloca-se como um ideal a ser conquistado, em função da capacidade do jovem de assegurar a sua própria formação através da escola formal, na medida em que o grau de escolarização é reconhecido pelos jovens como pressuposto para a empregabilidade. Os jovens reconhecem as dificuldades de colocação no mercado de trabalho e atribuem à escolarização o diferencial de competitividade possível com os jovens com melhor formação. (OLIVEIRA *et al.*, 2001, p. 248)

Com a chegada da adolescência, as necessidades vão aos poucos se modificando, e estas vão depender do contexto vivenciado pelo adolescente. Na classe social menos favorecida, a necessidade de contribuir para o sustento familiar impulsiona os adolescentes, para alguma atividade laboral, formal ou informal. Frequentemente, há um desvirtuamento da função do adolescente que passa a assumir a responsabilidade do sustento familiar antecipadamente, em empregos sem muitas perspectivas de crescimento profissional, interferindo na continuidade dos estudos que lhes conferirão um futuro melhor (BERTONCELLO, 2020).

Ainda em relação à inserção precoce do adolescente no mundo laboral, uma entrevistada reconhece o direito destes em serem “Jovens Aprendizes” e expõe o seu desejo de iniciar sua vida profissional por meio do Programa Nacional de Aprendizagem. Exemplificado através do relato da adolescente:

“[...] Quero tipo, o ano que vem eu vou estar fazendo 14 anos, já tentar procurar um emprego como jovem aprendiz e juntar um dinheiro para pagar minha viagem e correr atrás.” (Relação, 13 anos).

O Programa Nacional de Aprendizagem, programa do Governo Federal, utiliza as políticas públicas para criar oportunidades de inserção dos jovens a partir de 14 anos no mercado de trabalho, procurando adequar o trabalho com o estudo, integrando essas funções. A política determina que as empresas contratem jovens aprendizes baseado no quantitativo de trabalhadores efetivos (ANDRADE; JESUS;

SANTOS, 2016). Dessa forma, entendemos este programa como uma oportunidade de fundamental importância para inserção destes jovens na vida profissional, uma vez que não tem a intenção de prejudicar os estudos e ajuda na formação técnica e relacional do adolescente, além de assegurar um provento que ajudará nas despesas de casa. Nesse viés, cabe ressaltar aqui o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), que no art. 62 diz que: “Considera-se aprendizagem a formação técnico-profissional ministrada segundo as diretrizes e bases da legislação de educação em vigor” (BRASIL, 1990).

Em contrapartida, o estudo apareceu como uma força determinante para que eles consigam alcançar e concretizar o seu desejo no futuro, e assim treze dos quinze adolescentes entrevistados, quando questionados sobre como eles pretendem alcançar o seu sonho de futuro, colocam o estudo como prioridade absoluta.

“[...] Estudando” (Carinho, 10 anos).

“[...] Estudando, ter um objetivo, focado nele. (Paz, 14 anos).

“[...] Estudar muito. (Abrigado, 14 anos).

“[...] terminar a faculdade de dança, terminar o ensino médio, ir treinando e estudando... a língua deles tb.” (Segurança, 12 anos).

“[...] Fazer uma faculdade nessa área.” (Abrigo, 13 anos).

A escolaridade está entre os itens que mais vai contribuir para a ascensão econômica e social dos adolescentes, quanto maior a qualificação mais chances de conseguir melhores empregos. Contudo, a realidade da interrupção dos estudos em decorrência de fatores socioeconômicos faz com que no futuro os jovens se deparem com empregos menos qualificados e dificuldade de ascensão social (CARDOSO, 2013).

Ainda ao responder sobre como alcançar o tão sonhado desejo de futuro, a religiosidade surge em três falas dos entrevistados. Os adolescentes participantes da pesquisa colocam a oração como um dos itens que consideram importante para que consigam atingir o seu objetivo futuro. Assim, apontam Deus como uma presença significativa em suas vidas e o poder de transformar as suas vidas pela fé. Isto ocorre, provavelmente, por interferência familiar e/ ou de instituições religiosas com quais convivem. Conforme as falas a seguir sugerem:

“[...] Me esforçando, orando a Deus, fazendo tudo certo para que lá na frente isso aconteça, estudando, fazer o que o professor fala e praticando o futebol.” (Amor, 12 anos)

“[...] se Deus abençoar quero ter o meu negócio.” (Sonho, 15 anos).

“[...] se Deus quiser, como sempre.” (Fé, 14 anos).

Segundo Marques, Cerqueira-Santos e Dell’Aglío (2011) a adolescência é a etapa da vida em que o indivíduo pondera sobre como foram construídas suas experiências anteriores, cria conceitos que vão lhes conferir sentido no mundo. O futuro abre uma nova inquietação; a criação de sua identidade pautada nas crenças em que foi concebido.

Percebemos, no estudo, portanto, a compreensão de que há interferência do contexto social e do ambiente nos desejos para o futuro dos adolescentes, os quais lhes direcionam e os fazem sonhar.

## 5.2 FUTURO E FAMÍLIA

As famílias contemporâneas apesar das transformações que sofreram nas últimas décadas ainda são consideradas como peça principal para formação do indivíduo e da sociedade. Através das regras impostas pelos adultos do núcleo familiar, o indivíduo em desenvolvimento aprende os limites para viver em sociedade (GOLDANI, 2002). Destacamos que é na adolescência que acontecem modificações na esfera biológica e social e o indivíduo passa para outra etapa da vida, carregada de novas responsabilidades; estas vão demandar que os adolescentes adquiram uma autonomia pessoal e deixem de lado a dependência que a infância lhes impunha (SILVA; MATTOS, 2004).

Na teoria Bioecológica do Desenvolvimento Humano, a família aparece como elemento principal no microsistema considerado como o contexto imediato, compreendendo as experiências aprendidas pelo indivíduo em desenvolvimento no que tange às atividades, aos papéis e às relações interpessoais (BRONFENBRENNER, 1996, 2011). Os adolescentes passam por uma fase de transição significativa, na qual a família é muito importante, pois o convívio no grupo

familiar influencia de forma direta ou indiretamente nos padrões de comportamento e por vezes na formação dos projetos de vida destes indivíduos.

Bedene (2011) considera que é na fase da adolescência que o indivíduo em desenvolvimento sofre influência de vários contextos sociais, o que provoca uma ansiedade pela necessidade de assumir novas representações. Nesta fase, o adolescente vivencia um período turbulento do ponto de vista emocional, assim, é natural apresentar um comportamento rebelde, principalmente no ambiente familiar. O período da adolescência não acontece da mesma forma para todos os indivíduos, neste período, muitos vivenciam regularmente desentendimentos e inquietações, porém alguns conseguem atravessar esse momento sem apresentar muitas adversidades (PRATTA; SANTOS, 2007b).

Nesse estudo, não percebemos divergências nas narrativas dos adolescentes quando questionados sobre o significado da família e qual a relação que estes esperavam ter com a mesma no futuro. Dos quinze adolescentes entrevistados, cinco deles, ainda que tímidos, expressaram seu sentimento em relação à família através da palavra “tudo”. A palavra tudo que se configura na classe gramatical, como pronome indefinido, significa a totalidade das coisas e no sentido figurado, coisa essencial (FERREIRA, 2004b). Esse “tudo” está coberto de muitos significados, carregado de uma carga afetiva de sentimentos positivos que envolvem sua relação com a família no momento atual e para o futuro. Isto pode ser ilustrado pelas narrativas a seguir:

“[...] Tudo!!! Amor, felicidade”. (Tudo, 13 anos)

“[...] Tudo!!! Amor, carinho, abrigado segurança com eles por perto.”  
(Amor, 12 anos)

Segundo Ozella e Aguiar (2008), os adolescentes de classe social menos favorecida, que sofrem determinadas restrições e necessitam se inserir cedo no mercado de trabalho, enxergam a família como um apoio, já que o fundamental para eles é melhorar suas vidas em todos os sentidos.

Menezes (2016, p. 131) considera que é no seio da família que acontece o crescimento e o desenvolvimento total do indivíduo desde seu nascimento. O mesmo autor ainda coloca que “[...] a capacidade de amar é desenvolvida até a idade adulta, na qual a responsabilidade se integra num ambiente favorável para

que as qualidades nas relações sejam sempre mais objetivas”. A separação física entre os componentes de uma família, em muitos momentos, é inevitável e pode acontecer em decorrência de várias condições, porém os laços afetivos podem continuar acessos. Supõe que, na fase da adolescência, ainda que exista uma distância física, as famílias são para estes adolescentes a base e o amparo que tantos necessitam. As narrativas a seguir exemplificam tal realidade:

“[...] Sinto amor por eles, converso com minha mãe pelo celular, ela mora longe no Espírito Santo depois que se casou de novo.”  
(Carinho, 10 anos)

“[...] Amor, muito amor, no caso eu levaria eles pra todo lugar, todo mundo.” (Junto, 10 anos)

Percebemos nos adolescentes entrevistados um sentimento de afetividade grande, o desejo de manter o amor que transborda nas relações fraternais, manutenção da relação familiar pautada na cumplicidade deste sentimento, independente das dificuldades enfrentadas a nível social e econômico. Em relação a este amor nas relações familiares, Menezes (2016), destaca que:

A relação familiar corresponde a um crescimento envolvido pelo amor, a uma educação desenvolvida por esse mesmo laço amoroso pessoal, o amor por si e pelos outros, tendo por escopo garantir, pela cooperação, o bem comum que é constitutivo da dimensão relacional da família: a busca do bem pessoal de cada membro da família (MENEZES, 2016, p. 131).

É notório o destaque que os adolescentes dão em relação ao vínculo emocional que envolve a família. Considerando a Teoria Bioecológica do Desenvolvimento de Bronfenbrenner, Senna e Dressen (2012), acreditam que é na família que ocorrem as relações essenciais e vivências mais significativas para o indivíduo, compreendendo-a como o principal microssistema do desenvolvimento humano. Nos relatos a seguir os adolescentes se referem à família como algo essencial na vida deles, destacam a cumplicidade e o sentimento de afeição envolvido nesta relação.

“[...] Minha família pra mim é... me ajudam em tudo... amor, carinho.  
(Junto, 10 anos)

“[...] Tudo, sem eles eu não estaria aqui hoje”. (Relação, 13 anos)

“[...] Quero morar junto com eles, mesmo depois de casada.”  
(Carinho, 10 anos)

“[...] Todos morando juntos na mansão, ser o orgulho deles e dá coisas melhores para eles no futuro”. (Amor, 12 anos)

Vê-se assim que um relacionamento familiar favorável é importante no desenvolvimento do adolescente, possibilitando a construção dos laços afetivos e o desejo da preservação da convivência neste grupo (ASSIS; AVANCI, 2004). No presente estudo, foi identificado que os adolescentes, quando questionados sobre a família e o futuro apresentaram o desejo de manutenção do vínculo familiar.



## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após um longo contato acompanhando os adolescentes do Ceza, durante as práticas com os alunos do curso de Enfermagem de uma IES, surgiu a curiosidade de saber como esses vislumbravam o seu futuro. A ampliação da idade dos adolescentes na instituição de 12 para 17 anos, com o argumento de que ao retornar para a comunidade sem uma profissionalização que os possibilitassem a inserção no mercado de trabalho muitos adolescentes ficavam nas ruas, foi um item de importância fundamental, que acendeu minha curiosidade para saber mais sobre o futuro destes. Acrescento a esta inquietação a vontade de contribuir para que de algum modo fosse possível a esses adolescentes vivenciarem seus sonhos. Deste modo, esta pesquisa seguiu explorando os sonhos dos adolescentes, sem deixar de levar em consideração a incerteza que o futuro traz para todos, independentemente da classe socioeconômica.

O adolescente, em sua grande maioria, tem dificuldade de expressar suas ideias e opiniões, entretanto, durante a entrevista semiestruturada, em resultado de interferências utilizadas, foi possível direcionar o momento de diálogo sem fugir do tema proposto e, ao mesmo tempo, extrair alguns sentimentos em relação ao futuro. Vale ressaltar que os adolescentes entrevistados durante a pandemia informaram que, apesar das dificuldades relacionadas a este fenômeno, o seu desejo de futuro não se modificou.

O estudo evidenciou que as expectativas sonhadas para o futuro destes adolescentes permeiam o imaginário fazendo-os almejar uma vida nova e diferente da que vivenciam. O desejo nutre e impulsiona-os a seguir em frente, em busca de melhores condições de vida. Um aspecto importante percebido na pesquisa foi a influência que o ambiente exerce nos sonhos de futuro dos adolescentes do CEZA, o que é demonstrado por meio da vontade de trabalhar, de seguir a mesma profissão do pai e de constituir uma família e ainda outros de alcançar um futuro diferente da realidade que vivenciam.

Identificou-se nos adolescentes da pesquisa o desejo de melhorar a vida da família no futuro, assim como o desejo de manter o vínculo familiar. Ficou evidente, também, a necessidade do estudo como essencial para alcançarem os seus sonhos de futuro; assim como se destaca a necessidade de trabalhar precocemente para ajudar a família. Nas classes sociais menos favorecidas, esta necessidade é

considerada como um dos grandes motivos que levam o adolescente a abandonar os estudos, o que dificulta uma melhor formação educacional, repercutindo em dificuldade para que estes alcancem uma boa posição no mercado de trabalho.

Na população do nosso estudo, não há histórico de evasão escolar, acreditamos que o posicionamento da ONG que frequentam, por intermédio da obrigatoriedade em cursar uma escola no turno oposto e também a frequência nas oficinas que abordam temas multidisciplinares, ajuda na manutenção destes adolescentes no ambiente escolar.

Os dados apresentados como sonhos para o futuro destes adolescentes demonstram um sentimento ambíguo entre a necessidade financeira e a satisfação pessoal, os quais, com direcionamento, podem convergir para satisfazer ambas as necessidades. Conhecer os aspectos socioeconômicos e culturais envolvidos mostrou-se fundamental para o conhecimento e entendimento dos sonhos destes adolescentes.

Ademais, identificamos no estudo a presença da religiosidade e de questões referentes ao gênero, que diferenciaram e revelaram a individualidade de cada adolescente. No quesito gênero, as meninas demonstraram o desejo de inclusão da família no seu futuro assim como de constituir seu núcleo familiar, enquanto os meninos destacaram a satisfação pessoal. A religiosidade foi apontada como elemento essencial para o alcance dos sonhos de futuro por sete dos dez adolescentes entrevistados.

Diferente do se que geralmente é esperada para esta fase da adolescência, a família mereceu um destaque especial, com valorização, reconhecimento afetivo e sentimento de pertencimento pelos adolescentes do CEZA. A participação dos adolescentes em atividades que valorizam o grupo familiar ajuda este entendimento de que o desenvolvimento humano ocorre a partir do menor grupo social (a família) e que apoiado nesta relação é plantada a semente que fará nascerem os sonhos para o futuro dos adolescentes.

Observar que os adolescentes que frequentam essa instituição fazem parte de uma comunidade maior, sujeitos às vulnerabilidades impostas pela desigualdade social, que nutrem seus sonhos por intermédio do empoderamento do saber e da força do trabalho, acende uma chama de esperança de um futuro digno para estes.

Apesar de não adentrar nessa questão, durante a pesquisa, se mostrou presente a necessidade de investimento nas políticas públicas muito importantes no

que diz respeito à educação, à saúde e à cidadania, por meio da geração de empregos e oportunidades para a população mais carente.

Creemos que a pouca idade dos entrevistados (10 a 15 anos) tenha revelado uma imaturidade frente aos seus sonhos para o futuro, porém, acreditamos que seja importante introduzir e discutir o tema nas rodas de conversas e oficinas, pois poderá provocar e favorecer um amadurecimento frente a este tema, que ao longo da adolescência, sofre modificações influenciado pelo contexto socioeconômico e histórico em que o adolescente se encontram inseridos.

Por fim, os resultados do estudo podem contribuir como reflexões em torno do futuro destes adolescentes, envolvendo o núcleo familiar nas discussões para que fortaleçam ainda mais estes vínculos na adolescência, em vista da vulnerabilidade desta população. A partir dos resultados obtidos nesta pesquisa, percebe-se uma necessidade de estudos futuros com a ampliação do número e da idade dos adolescentes, englobando novos ambientes, os quais vão possibilitar maior conhecimento acerca dos desejos de futuro destes e, conseqüentemente, contribuir para a criação de políticas públicas que contemplem o adolescente e suas famílias.

## REFERÊNCIAS

- ABRAMO, H. W. Considerações sobre a tematização social da juventude no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Anped, n. 5-6, maio/ago.; set/dez. 1997, p. 25-36, 1997.
- ABRAMOVAY, M.; ANDRADE, E. R.; ESTEVES, L. C. G. **Juventudes**: outros olhares sobre a diversidade/organização. Brasília, DF: Ministério da Educação; Secretaria de Educação Continuada Alfabetização e Diversidade; UNESCO, 2007.
- ABRAMOVAY, M. *et al.* **Juventude, violência e vulnerabilidade social na América Latina**: desafios para políticas públicas. Brasília, DF: UNESCO, 2002.
- ABREU, E. S de. **Furando a bolha do *habitus*: mobilizações das famílias e de uma escola pública em Salvador e na Ilha do Sal em Cabo Verde, sob a ótica dos seus jovens na elaboração dos seus sonhos/projetos de vida**. 2019. Tese (Doutorado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2019.
- ABREU, E. S de.; RABINOVICH, E. P. Uma palavra, uma escolha, para “projeto de vida”. *In*: SEMOC, 21., Salvador, 2018. **Anais eletrônicos [...]**. Salvador: UCSAL, 2018. Disponível em: <http://ri.ucsal.br:8080/jspui/handle/prefix/1258>. Acesso em: 20 nov. 2018.
- ALCÂNTARA, M. A. R.; PETRINI, G.; FERREIRA-SANTOS, J. E. Jovens projetando o futuro: relações intergeracionais e temporalidade. *In*: CARVALHO, R. C. de; IRIART, M. F. S.; BESNOSIK, M. H. R. B.; LARANJEIRA, D. H. P. (Org.). **Inclusão social em tempos de violência**: o lugar da escola e da família. Feira de Santana: UEFS, 2016. p. 173-190. v. 1.
- ALMEIDA, J. F. P. de; DAGASH, N. A importância do amadurecimento emocional para o processo de reconhecimento dos adolescentes. **Revista de Direito Sociais e Políticas Públicas**, 2019, v. 5, n. 2, p. 87-102.
- ALMEIDA, M. E. G. G. de; PINHO, L. V. de. Adolescência, família e escolhas: implicações na orientação profissional. **Psicologia Clínica**, Rio de Janeiro, v. 2, n. 2, p. 173-184, 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-56652008000200013>. Acesso em: 15 out. 2019.
- ALVES-MAZZOTTI, A. J. Repensando algumas questões sobre o trabalho infanto-juvenil. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 19, p. 87-98, abr. 2002. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-24782002000100008>. Acesso em: 10 out. 2019.
- ALVIM, R. Família e trabalho infantil. **Interseções**, v. 2, p. 213-231, 2001.
- AMORIM, G. G. de. **Comportamento de risco na alta adolescência: um estudo de caso em proposta transdisciplinar**. 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Católica de Brasília, Brasília, 2007. Disponível em:

<https://bdtd.ucb.br:8443/jspui/bitstream/123456789/1886/1/Texto%20Completo.pdf>. Acesso em: 4 maio 2020.

ANDRADE, J. M.; JESUS, G. S. de; SANTOS, K. K. dos. O Programa Jovem Aprendiz e sua importância para os jovens trabalhadores. **Interfaces Científicas – Direito**, Aracaju, v. 4, n. 2, p. 45-54, fev. 2016. Disponível em: <https://periodicos.set.edu.br/direito/article/view/2742/1628>. Acesso em: 20 jan. 2021.

ARIÈS, P. **História social da criança e da família**. Rio de Janeiro: Zahar, 1986.

ASSIS, S. G., AVANCI, J. Q. **Labirinto de espelhos**: formação da auto-estima na infância e na adolescência. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2004. Disponível em: <http://books.scielo.org/id/vdywc/pdf/assis-9788575413333-05.pdf>. Acesso em: 10 dez. 2020.

BARRETO, M. J.; RABELO, A. A. A família e o papel desafiador dos pais de adolescentes na contemporaneidade. **Pensando família**, Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 34-42, dez. 2015. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/penf/v19n2/v19n2a04.pdf>. Acesso em: 21 jan. 2020.

BARROS, A. de J. P. de; LEHFELD, A. de S. **Fundamentos de metodologia**: um guia para iniciação científica. 2 ed. São Paulo. Mackron Books, 2000.

BEDENE, M. do R. **Reflexões sobre o enfrentamento da indisciplina entre jovens, adolescentes. Alunos matriculados no ensino fundamental**. 2011. Produção Didático-Pedagógica (Professor PDE) – Secretaria Estadual de Educação do Estado do Paraná, Curitiba, 2011.

BERTONCELLO, D. O adolescente hoje, o adulto amanhã: desafios para seu bom futuro. **Journal Health Npeps**, v. 5, n. 1, p. 9-13, 2020.

BIASOLI-ALVES, Z. M. M. Pesquisando e intervindo com famílias de camadas diversificadas. *In*: ALTHOFF, C. R.; ELSEN, I.; NITSCKE, R. G. (Org.). **Pesquisando a família**: olhares contemporâneos. Florianópolis: Papa-Livro, 2004, p. 91-106.

BOCK, A. M. B. A perspectiva histórica da subjetividade: uma exigência para la psicologia atual. **Psicologia para a América Latina**, México, n. 1, fev. 2004. Disponível em: <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/psilat/n1/n1a02.pdf>. Acesso: em 07 jan. 2020.

BORDINI, G. S. **As narrativas de adolescentes sobre gênero em um ambiente virtual**. 2010. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2010.

BRAGA, M. da G. R.; AMAZONAS, M. C. L. de A. Família: maternidade e procriação assistida. **Psicologia em estudo**, Maringá, v. 10, n. 1, p. 11-18, jan./abr. 2005. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-73722005000100003>. Acesso em: 03 fev. 2021.

BRASIL. **Lei 8.069, de 13 de julho de 1990**. Estatuto da Criança e do Adolescente. Dispõe sobre o Estatuto da Criança e do Adolescente e dá outras providências. Brasília, DF: Ministério da Justiça, 1990. Disponível em: [http://www.planalto.gov.br/ccivil\\_03/leis/l8069.htm](http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8069.htm). Acesso em: 30 maio 2020.

BRASIL. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Brasília, DF: Ministério da Saúde, 2007. Disponível em: [http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07\\_0400\\_M.pdf](http://bvsms.saude.gov.br/bvs/publicacoes/07_0400_M.pdf). Acesso em: 30 abr. 2020.

BRONFENBRENNER, U. **The Ecology of Human Development**: Experiments by Nature and Design, Cambridge, MA: Harvard University Press, 1979.

BRONFENBRENNER, U. **A ecologia do Desenvolvimento Humano**: experimentos naturais e planejados. Tradução de Maria Adriana Veríssimo Veronese. Porto Alegre, Artes Médicas, 1996.

BRONFENBRENNER, U. **Bioecologia do Desenvolvimento Humano**: tornando os seres humanos mais humanos. Tradução de André de Carvalho Barreto. Porto Alegre: Artmed, 2011.

CAMPOS, C. J. G. Método de análise de conteúdo: ferramenta para a análise de dados qualitativos no campo da saúde. **Revista Brasileira de Enfermagem**, Brasília, v. 57, n. 5, p. 611-614, out. 2004. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0034-71672004000500019>. Acesso em: 03 out. 2020.

CARDOSO, A. Juventude, trabalho e desenvolvimento: elementos para uma agenda de investigação. **Cadernos CRH**, Salvador, v. 26, n. 68, p. 293-314, ago. 2013. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-49792013000200006>. Acesso em: 25 jan. 2021.

CEOLIN, R. *et al.* Situações de vulnerabilidade vivenciadas na adolescência: revisão integrativa. **Revista Baiana de Saúde Pública**, v. 39, n. 1, p. 150-163, out. 2015. Disponível em: <https://doi.org/10.22278/2318-2660.2015.v39.n1.a741>. Acesso em: 24 jan. 2020.

CERICATTO, C.; ALVES, C. F; PATIAS, N. D. A maturidade para a escolha profissional em adolescentes do ensino médio. **Revista de Psicologia da IMED**, 2017, v. 9, n. 1, p. 22-37. Disponível em: <https://orcid.org/10.18256/2175-5027.2017.v9i1.1487>. Acesso em: 24 jan. 2020.

CÉSAR, M. R. A. **A invenção da “adolescência” no discurso psicopedagógico**. 1998. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 1998.

CHILAND, C.; DOUEK, S. S. A construção da identidade de gênero na adolescência. **Revista Brasileira de Psicanálise**, São Paulo, v. 48, n. 4, p. 175-185, dez. 2014. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0486-641X2014000400016](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0486-641X2014000400016). Acesso em: 03 fev. 2021.

COLOGNESE, S. C. O adolescente e a escolha profissional. **Interações**, v. 5, n. 9, p. 111-125, jan./jun. 2000.

DAMON, W. **O que o jovem quer da vida?** Como pais e professores podem orientar e motivar os adolescentes. São Paulo: Summus, 2009.

DIAS, A. B.; AQUINO, E. M. L. Maternidade e paternidade na adolescência: algumas constatações em três cidades do Brasil. **Caderno de Saúde Pública**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 7, jul., 2006.

DONATI, P. **Família no Século XXI**: abordagem relacional. 2 ed. São Paulo: Paulinas, 2011.

DUBET, F. As desigualdades multiplicadas. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro, n. 17, p. 5-18, ago. 2001. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000200002>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FILGUEIRA, C. H. Estructura de oportunidades y vulnerabilidad social: aproximaciones conceptuales recientes. *In*: SEMINARIO INTERNACIONAL LAS DIFERENTES EXPRESIONES DE LA VULNERABILIDAD SOCIAL EN AMÉRICA LATINA Y EL CARIBE, 2001., Santiago de Chile. **Anais [...]**. Santiago de Chile: CELAD, 2001. p. 1-35.

FORNASIER, R. C. Amor e vínculo conjugal. *In*: MOREIRA, L. V. de C. (Org.). **Relações Familiares**. Curitiba: CRV, 2016, p. 89-109. v. 2.

FORNASIER, R. C. Memória e família na Sociologia de Pierpaolo Donati e na Antropologia de Francesco Botturi. **Memorandum: Memória e História em Psicologia**, v. 35, p. 100-114, 2018. Disponível em: <https://periodicos.ufmg.br/index.php/memorandum/article/view/6889>. Acesso em: 11 fev. 2020.

FROTA, A. M. M. C. Diferentes concepções da infância e adolescência: a importância da historicidade para sua construção. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, jun. 2007, v. 7, n. 1. Disponível em <http://www.revispsi.uerj.br/v7n1/artigos/pdf/v7n1a13.pdf>. Acesso em: 23 ago. 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **A voz dos adolescentes**. Brasília, DF: UNICEF, 2002.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **Adolescentes e jovens do Brasil**: participação social e política. Brasília, DF: UNICEF, 2007. Disponível em: <https://www.unicef.org/brazil/relatorios/adolescentes-e-jovens-do-brasil>. Acesso em: 09 jul. 2020.

FUNDO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A INFÂNCIA – UNICEF. **O direito de ser adolescente**: oportunidade para reduzir vulnerabilidades e superar desigualdades. Brasília, DF: UNICEF, 2011.

GOLDANI, A. M. Família, gênero e políticas: famílias brasileiras nos anos 90 e seus desafios como fator de proteção. **Revista Brasileira de Estudos da População**, v. 19, n. 1, p. 29-48, jan./jun. 2002.

GUIMARÃES, R. M.; ROMANELLI, G. A inserção de adolescentes no mercado de trabalho através de uma ONG. **Psicologia em Estudo**, Maringá, dez. 2002, v. 7, n. 2, p. 117-126. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722002000200014>. Acesso em: 08 nov. 2020.

HOCKENBERRY, M. J.; WILSON, D.; CHERYL, C. R. **Wong**: fundamentos de enfermagem pediátrica. Tradução de Eliseanne Nopper, Flor de Letras, Sueli Toledo Basile. 10 ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2018. Disponível em: [https://eu-ireland-custom-media-prod.s3-eu-west-1.amazonaws.com/Brasil/Downloads/22-10/E-sample\\_Wong%20Fundamentos%20Enfermagem%20Pedi%C3%A1trica-min.pdf](https://eu-ireland-custom-media-prod.s3-eu-west-1.amazonaws.com/Brasil/Downloads/22-10/E-sample_Wong%20Fundamentos%20Enfermagem%20Pedi%C3%A1trica-min.pdf). Acesso em: 30 maio 2020.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA - IBGE. **Síntese de indicadores sociais**: uma análise das condições de vida da população brasileira - 2019. Rio de Janeiro: IBGE, 2019. Disponível em: <https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101678.pdf>. Acesso em: 30 set. 2020.

LEÃO, M. A. B. G.; SOUZA, Z. R. de; CASTRO, M. A. C. D. de. Desenvolvimento humano e teoria bioecológica: ensaio sobre “o contador de histórias”. **Psicologia Escolar e Educacional**, Maringá, ago. 2015, v. 19, n. 2, p. 341-348. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/2175-3539/2015/0192846>. Acesso em: 30 set. 2020.

LERNER, R. M.; OVERTON, W. F. Exemplifying the integrations of the relational developmental system: Synthesizing theory, research, and application to promote positive development and social justice. **Journal of Adolescent Research**, v. 23, n. 3, p. 245-255, 2008.

LIRA, D. M. de B.; SILVA, R. C. A da. Adolescência – Quando surgiu e para onde vai? Um recorte histórico e psicossocial. **Revista Latino-Americana de Psicologia Corporal**, v. 6, n. 1, p. 42-52. Disponível em: <https://psicorporal.emnuvens.com.br/rlapc/article/view/54>. Acesso em: 05 maio 2020.

LISBOA, M. D. **O desemprego na juventude: um estudo sobre o sentido do desemprego para jovens que residem em cidades de sub-regiões produtivas da indústria do calçado, na Região Sudeste do país**. Relatório (Pesquisa de Pós-Doutorado) – UNESP, Franca - São Paulo, 2010.

MALUF, A. C. do R. F. D. **Novas modalidades de família na pós-modernidade**. São Paulo: Atlas, 2010.

MANDELLI, M. T.; SOARES, D. H. P.; LISBOA, M. D. Juventude e projeto de vida: novas perspectivas em orientação profissional. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 63, n. esp., p. 49-57, 2011. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672011000300006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672011000300006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 02 jan. 2020.



MARCONI, M. A.; LAKATOS, M. **Fundamentos de metodologia científica**. 5 ed. São Paulo: Atlas 2003.

MARQUES, L. F.; CERQUEIRA-SANTOS, E.; DELL'AGLIO, D. D. Religiosidade e identidade positiva na adolescência. *In*: DELL'AGLIO, D. D.; KOLLER, S. H. (Orgs.). **Adolescência e juventude**: vulnerabilidade e contextos de proteção. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. p. 77-108.

MARTINS, E.; SZYMANSKI, H. A abordagem ecológica de Urie Bronfenbrenner em estudos com famílias. **Estudos e Pesquisas em Psicologia**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 1, jun. 2004. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1808-42812004000100006&lng=pt&nrm=iso). Acesso em: 04 jun. 2020.

MENEZES, J. de J. Relevância do amor nas relações familiares. *In*: MOREIRA, L. V. de C. (Org.). **Relações Familiares**. Curitiba: CRV, 2016, p. 127-140. v. 2.

MINAYO, M.C. S. O desafio da pesquisa social. MINAYO, M.C. S.; DESLANDES, S.F.; GOMES, R. (Orgs.) **Pesquisa social**: Teoria, método e criatividade. Petrópolis, RJ: Ed. Vozes, 2013. p. 9-30.

MOREIRA, L. V. C. RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. Introdução. MOREIRA, L. V. C. RABINOVICH, E. P.; FORNASIER, R. C. (Orgs.). **Adolescentes & adolescências**: família, escola e sociedade. Curitiba: CRV, 2018. p. 95-121.

MORGADO, L. V. *et al.* Ciclo vital da família: a comunicação entre pais e filhos na fase adolescente. *In*: CONGRESSO INTERNACIONAL DE CIÊNCIA TECNOLOGIA E DESENVOLVIMENTO, 2., Taubaté, São Paulo, 2014. **Anais eletrônicos** [...].Taubaté - São Paulo: UNITAU, 2014. Disponível em: [http://www.unitau.br/files/arquivos/category\\_154/MPB1488\\_1427286040.pdf](http://www.unitau.br/files/arquivos/category_154/MPB1488_1427286040.pdf). Acesso em: 20 jan. 2020.

NEPOMUCENO, R. F; WITTER, G. P. Influência da família na decisão profissional: opinião de adolescentes. **Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional**, v. 14, n. 1, p. 15-22, 2010.

NOVAES, R. Juventude e sociedade: jogos de espelhos, sentimentos, percepções e demandas por direitos e políticas públicas. **Revista Sociologia Especial**: ciência e vida, São Paulo, out. 2007.

OLIVEIRA B. R. G., ROBAZZI, M. L. C. C. O trabalho na vida dos adolescentes: alguns fatores determinantes para o trabalho precoce. **Revista Latino-americana de Enfermagem**, n. 9, p. 83-89, 2001.

OLIVEIRA, C. B. *et al.* As ações de educação em saúde para crianças e adolescentes nas unidades básicas da região de Maruípe no município de Vitória. **Ciência e Saúde Coletiva**, v. 14, n. 2, p. 635-644, 2009. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232009000200032>. Acesso em: 4 mar. 2020.

OLIVEIRA, D. C. de *et al.* Futuro e liberdade: o trabalho e a instituição escolar nas representações sociais de adolescentes. **Estudos de Psicologia**, Natal, v. 6, n. 2, p. 245-258, 2001. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1413-294X2001000200012>. Acesso em: 20 jan. 2021.

OLIVEIRA, W. A.; SILVA, J. L.; SILVA NETO, W. M. F. A escolha profissional na adolescência: motivações e apontamentos para a atuação em psicopedagogia. *In*: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9.; ENCONTRO SUL BRASILEIRO DE PSICOPEDAGOGIA, 3., 2009, Curitiba. **Anais eletrônicos** [...] Curitiba: CHAMPAGNAT, 2009. Disponível em: [http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3202\\_2149.pdf](http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/3202_2149.pdf). Acesso em: 23 dez. 2020.

OSÓRIO, L. C. **Família hoje**: O que é a família, afinal? Porto Alegre: Arte Médicas, 1996.

OUTERAL, J. O. **Adolescer** - Estudos sobre adolescência. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994.

OZELLA, S.; AGUIAR, W. M. J. de. Desmistificando a concepção de adolescência. **Cadernos de Pesquisa**, São Paulo, v. 38, n. 133, p. 97-125, abr. 2008. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0100-15742008000100005>. Acesso em: 22 jan. 2021.

PAIXÃO, G. P. N.; SANTOS, S. M. P.; RAMOS, P. R. Questões de gênero: percepção de adolescente no município de Juazeiro-BA. **UDESC em Ação**, v. 2, n. 1, 2008. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/udescemacao/article/view/1699/1347>. Acesso em: 10 jan. 2020

PEREIRA, S. E. F. N. **Crianças e adolescentes em contexto de vulnerabilidade social**: articulação de redes em situação de abandono ou afastamento do convívio familiar. [s.n], [S.l], 2016. Disponível em: <http://acolhimentoemrede.org.br/site/wp-content/uploads/2016/08/Artigo-sobre-a-REDE.pdf>. Acesso em: 23 jan. 2020.

PNAD EDUCAÇÃO 2019: Mais da metade das pessoas de 25 anos ou mais não completaram o ensino médio. **Agência IBGE Notícias**, 17 jul. 2020. Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-sala-de-imprensa/2013-agencia-de-noticias/releases/28285-pnad-educacao-2019-mais-da-metade-das-pessoas-de-25-anos-ou-mais-nao-completaram-o-ensino-medio#:~:text=Em%202019%2C%2056%2C4%20milh%C3%B5es,taxa%20cresceu%205%2C2%20p.p>. Acesso em: 30 ago. 2020.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Família e adolescência: a influência do contexto familiar no desenvolvimento psicológico de seus membros. **Psicologia em Estudo**, Maringá, v. 12, n. 2, p. 247-256, ago. 2007a. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-73722007000200005>. Acesso em: 25 jan. 2021.

PRATTA, E. M. M.; SANTOS, M. A. dos. Opiniões dos adolescentes do ensino médio sobre o relacionamento familiar e seus planos para o futuro. **Paidéia**, Ribeirão

Preto, v. 17, n. 36, p. 103-114, abr. 2007b. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-863X2007000100>. Acesso em: 04 out. 2020.

RABINOVICH, E. P. Sobre o cuidar e sua rede. **Diálogos Possíveis**, Salvador, v. 11 n. 2, 2012. Disponível em: <http://revista.faculdaadesocial.edu.br/index.php/dialogospossiveis/article/view/5>. Acesso em: 23 jun. 2020.

REICHERT, C. B.; WAGNER, A. Autonomia na adolescência e sua relação com os estilos parentais. **Psico**, v. 38, n. 3, p. 292-299, 2007.

REIS, Daniela Maria Ladeira. **Relação pais e filhos adolescentes na sociedade contemporânea: um estudo sobre o olhar dos adolescentes**. 2014. Dissertação (Mestrado em Família na Sociedade Contemporânea) – Universidade Católica do Salvador, Salvador, 2014.

RIBEIRO, C.A.; ROCHA, F. N. da. Escolhas na adolescência: Implicações contemporâneas dos grupos sociais e da família. **Revista Mosaico**, v. 8, n. 2, p. 39-47, jul./dez. 2017.

ROLDÃO F. D.; CAMARGO, D. de; DIAS, M. S. de L. Introdução às leituras de Lev Vygotski: debates e atualidades na pesquisa. *In*: DIAS, M. S. de L. (Org.). **Introdução às leituras de Lev Vygotski: debates e atualidades na pesquisa**. Porto Alegre, RS: Editora Fi, 2019. p. 17-48.

ROMANELLI, G. Famílias de camadas médias e escolarização superior dos filhos: o estudante-trabalhador. *In*: NOGUEIRA, M. A.; ROMANELLI, G.; ZAGO, N. (Orgs.). **Família e escola: trajetórias de escolarização em camadas médias e populares**. Petrópolis: Vozes, 2000. p. 99-123.

SANTOS, J. E. F. **Acervo da Laje**: memória estética e artística do Subúrbio Ferroviário de Salvador, Bahia. São Paulo: Scortecci, 2014.

SANTOS, L. M. M. O papel da família e dos pares na escolha profissional. **Psicologia em Estudo**, v. 10, n. 1, p. 57-66, 2005.

SARRIERA, J. C., CÂMARA, S. G. E BERLIM, C. S. Elaboração, desenvolvimento e avaliação de um Programa de Inserção Ocupacional para Jovens Desempregados. **Psicologia: Reflexão e Crítica**, v. 13, n. 1, p. 189-198, 2000.

SARTI, C. A. A família como ordem simbólica. **Psicologia USP**, São Paulo, v. 15, n. 3, p. 11-28, 2004. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0103-65642004000200002>. Acesso em: 07 jan. 2020.

SCAVONE, L. Maternidade: transformações na família e nas relações de gênero. **Interface: Comunicação, Saúde, Educação**, v. 5, n. 8, p. 47-59, 2001. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/icse/v5n8/04.pdf>. Acesso em: 05 maio 2020.

SCHENKER, M.; MINAYO, M. C. de S. A implicação da família no uso abusivo de drogas: uma revisão crítica. **Ciência e Saúde coletiva**, Rio de Janeiro, v. 8, n. 1, p.

299-306, 2003. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-81232003000100022>. Acesso em: 06 maio 2020.

SENNA, S. R. C. M.; DESSEN, M. A. Contribuições das teorias do desenvolvimento humano para a concepção contemporânea da adolescência. **Psicologia: Teoria e Pesquisa**, Brasília, v. 28, n. 1, p. 101-108, mar. 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0102-37722012000100013>. Acesso em: 12 fev. 2021.

SILVA, V. A.; MATTOS, H. F. Os jovens são mais vulneráveis às drogas? *In*: PINSKY, I.; BESSA, M. A. (Orgs.). **Adolescência e drogas**. São Paulo: Contexto, 2004. p. 31-44.

SINGLY, F. de. O nascimento do “indivíduo individualizado” e seus efeitos na vida conjugal e familiar. *In*: PEIXOTO, C.; SINGLY, F. de.; CICCHELLI, V. (Orgs.). **Família e individualização**. Rio de Janeiro: FGV, 2000, p. 13-19.

SOARES, D. H. P. **A escolha profissional do jovem ao adulto**. São Paulo: Summus, 2002.

SONHO. *In*: FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004a [versão eletrônica].

SOUZA, V. L. T. DE; ARINELLI, G. S. A dimensão revolucionária do desenvolvimento e o papel da imaginação. **Obutchénie: Revista de Didática e Psicologia Pedagógica**, v. 3, n. 2, p. 1-22, nov. 2019.

TRINDADE, F. R. B. **Uma questão social: jovens fora da escola e do mundo do trabalho no universo popular**. 2016. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2016.

TUDGE, J. A teoria de Urie Bronfenbrenner: uma teoria contextualista? *In*: MOREIRA, L.; CARVALHO, A. M. A. (Orgs.). **Família e Educação: olhares da psicologia**. 3 ed. São Paulo, Paulinas, 2012, p. 209-231.

TUDO. *In*: FERREIRA, A. B. H. **Novo Dicionário Aurélio da Língua Portuguesa**. 3 ed. Curitiba: Positivo, 2004b [versão eletrônica].

VEYNE, P. O Império Romano. *In*: VEYNE, P. (Org.). **História da vida privada, 1: do Império Romano ao ano mil**. Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 2009. p. 17-212.

YUNES, M.; JULIANO, M. A bioecologia do desenvolvimento humano e suas interfaces com educação ambiental. **Cadernos de Educação**, n. 37, p. 347-379, 2010.

## APÊNDICE A – QUESTIONÁRIO SOCIODEMOGRÁFICO

QUESTIONÁRIO					
IDENTIFICAÇÃO: “INICIAIS DO NOME E SOBRENOME”					
1. NÚMERO: _____ 2. DATA: ____/____/_____ 3. TELEFONE_ (____) _____ 5. DATA DE NASCIMENTO: _____ 6. TEMPO QUE FREQUENTA O CEZA: _____					
VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS					
1. SEXO: 0. Masculino ( ) 1.Feminino ( ) 2. IDADE: _____ 3. RELIGIÃO: _____ 4. NÚMERO DE PESSOAS NA FAMÍLIA: _____ 5. ORDEM DE NASCIMENTO DO ADOLESCENTE: _____ 6. RAÇA AUTO RELATADA: 0. Branco ( ) 1.Negro ( ) 2.Pardo ( ) 3.Amarela( ) 4.Indígena ( ) 7. OCUPAÇÃO (se tiver outra além de estudante) _____ 8. OCUPAÇÃO DO PAI: _____ 9. OCUPAÇÃO DA MÃE: _____ 10. CLASSE ECONÔMICA (CCEB):					
		QUANTIDADE			
VARIÁVEIS	0	1	2	3	4+
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados Domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louça	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Microondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secador de roupa	0	2	2	2	2
Escolaridade do Chefe da Família					
Analfabeto / Fundamental I incompleto		0			
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto		1			
Fundamental II completo / Médio incompleto		2			
Médio completo / Superior incompleto		4			
Superior completo		7			
Serviços Públicos					
		Sim	Não		
Água encanada		4	0		
Rua pavimentada		2	0		

## **APÊNDICE B – ROTEIRO DA ENTREVISTA**

- 1. COMO VOCÊ SE “ENXERGA” DAQUI HÁ DEZ ANOS?**
- 2. QUAL O MAIOR DESEJO PARA O SEU FUTURO?**
- 3. COMO VOCÊ PRETENDE ALCANÇAR O SEU DESEJO DE FUTURO?**
- 4. O QUE É FAMÍLIA PARA VOCÊ?**
- 5. COMO VOCÊ IMAGINA SUA RELAÇÃO COM A SUA FAMÍLIA NO FUTURO?**

## APÊNDICE C – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO



### TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO

#### **Título do estudo: SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes e sua relação com a família**

O seu filho(a) está sendo convidado(a) para participar como voluntário de uma pesquisa com o título: SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes e sua relação com a família, que será desenvolvida pela pesquisadora Ilmara Sampaio Araújo do Curso de Mestrado, no Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL sob orientação da professora doutora Sumaia Midlej Pimentel Sá. A pesquisa tem o objetivo de: Conhecer os desejos de vida referente ao futuro pessoal e profissional em adolescentes de baixa renda adolescentes frequentadores de uma ONG na cidade de Camaçari-BA e sua relação com a família. Para coleta de dados/informações, será realizada uma entrevista com seu filho(a) contendo perguntas sobre seus desejos acerca do seu futuro e sobre a sua família. A pesquisadora garantirá a privacidade e o sigilo, realizando a entrevista em um espaço físico adequado e horário conveniente. Caso seu filho(a) não se sinta à vontade com alguma questão da entrevista, ele(a) poderá deixar de respondê-la ou até mesmo desistir da pesquisa sem que haja danos à sua participação no CEZA. O estudo seguirá as Diretrizes e Normas Regulamentadoras de Pesquisas Envolvendo Seres Humanos (Resolução 510/16), do Conselho Nacional de Saúde. Em atendimento à referida resolução, seu filho(a), como participante da pesquisa, será devidamente esclarecido quanto aos propósitos do estudo e terá garantido seu direito quanto à participação livre, sigilo da sua identificação e confidencialidade dos dados fornecidos.

Como benefício, o estudo poderá contribuir com os grupos que lidam diariamente com adolescentes, no entendimento de questões que envolvem a família e suas expectativas de vida futura. As informações fornecidas em até cinco anos poderão ser utilizadas para trabalhos científicos com o mesmo objetivo do estudo, e após esse período, estas serão descartadas, a identificação do seu filho(a) será mantida em sigilo, assegurando-lhe completo anonimato. Há o risco de seu

filho(a) sentir desconforto em decorrência da entrevista ser gravada e abordar conteúdos particulares, caso isso ocorra seu filho(a) receberá apoio psicológico na unidade no CEZA, seguindo as recomendações segundo o CNS 510/16.

Este documento contém duas vias, sendo que uma ficará com o senhor(a) e a outra com a pesquisadora.

Caso sinta necessidade, o senhor(a) poderá entrar em contato com a pesquisadora pelo e-mail e telefone abaixo:

Pesquisadora: Ilmara Sampaio Araújo

e-mail: [ilmarasaraujo@gmail.com](mailto:ilmarasaraujo@gmail.com)

Orientadora: Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá

e-mail: [sumaia.sa@pro.ucsal.br](mailto:sumaia.sa@pro.ucsal.br)

Em caso de dúvidas ou problemas com seu filho(a), procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador, CEP 40.231-902, Telefone: (71) 3203-8913, e-mail: [cep@ucsal.com.br](mailto:cep@ucsal.com.br). Salvador (UCSAL), que fica na Avenida Cardeal da Silva, 205, na Federação, Salvador, Bahia, CEP 40.231-902 e atende pelo Telefone (71) 32038913.

Eu concordo que o meu filho participe da pesquisa intitulada **SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes e sua relação com a família.**

Abrantes/Camaçari, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do responsável pelo participante da pesquisa

Assinatura da pesquisadora



## APÊNDICE D – TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE



### TERMO DE ASSENTIMENTO PARA CRIANÇA E ADOLESCENTE

**Nome da pesquisa:** SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes e sua relação com a família.

Você está sendo convidado para participar da pesquisa com o título: SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes frequentadores de uma ONG e sua relação com a família, sobre a responsabilidade das pesquisadoras Ilmara Sampaio Araújo e Sumaia Midlej Pimentel Sá (orientadora). Seus pais/responsáveis estão sabendo sobre como vai acontecer a pesquisa e permitiram que você participe. Com o estudo, coisas boas podem acontecer, como: entender melhor sobre a influência da família no futuro dos adolescentes, servir de informações para quem convive diariamente com os adolescentes e também contribuir para que outros pesquisadores continuem estudando o assunto.

Queremos saber algumas coisas sobre você, sua família e o seu futuro. A pesquisa vai acontecer no CEZA e não haverá custo para você nem para sua família. Alguns adolescentes do CEZA também irão participar da pesquisa. Você não precisa participar da pesquisa, caso não queira, é um direito seu, e a sua vaga no CEZA continuará mantida. Durante a pesquisa, faremos algumas perguntas sobre você e sua família. As perguntas e suas respostas serão gravadas. Ninguém saberá que você está participando da pesquisa; não falaremos a outras pessoas, nem daremos a estranhos as informações que você nos der. Seu nome será modificado. Os resultados da pesquisa vão ser publicados, mas sem identificar que você participou.

No caso de sentir algum incômodo em decorrência das perguntas, ou tiver alguma dúvida, pode fazer contato comigo, assim posso cuidar de você. Pode entrar em contato comigo se sentir necessidade através dos contatos abaixo:

Pesquisadora: Ilmara Sampaio Araújo

e-mail: [ilmarasaraujo@gmail.com](mailto:ilmarasaraujo@gmail.com)

Orientadora: Dra. Sumaia Midlej Pimentel Sá

e-mail: [sumaia.sa@pro.ucsal.br](mailto:sumaia.sa@pro.ucsal.br)

Em caso de dúvidas ou problemas, procure o Comitê de Ética em Pesquisa da Universidade Católica do Salvador, CEP 40.231-902, Telefone: (71) 3203-8913, e-mail: [cep@ucsal.com.br](mailto:cep@ucsal.com.br). Salvador (UCSAL), que fica na Avenida Cardeal da Silva, 205, na Federação, Salvador, Bahia, CEP 40.231-902 e atende pelo Telefone: (71) 32038913.

---

### **CONSENTIMENTO PÓS INFORMADO**

Eu \_\_\_\_\_ aceito participar da pesquisa.

Entendi que posso sentir algum desconforto durante a entrevista, e também as coisas boas que podem acontecer com a realização da pesquisa.

Entendi que posso dizer “sim” e participar, mas que, a qualquer momento, posso dizer “não” e desistir e que ninguém vai ficar furioso.

A pesquisadora tirou minhas dúvidas e conversou com os meus responsáveis.

Recebi uma cópia deste termo de assentimento e li e concordo em participar da pesquisa.

Abrantes/Camaçari, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

---

Assinatura do menor

---

Assinatura da pesquisadora

## APÊNDICE E – TERMO DE ANUÊNCIA PARA A PESQUISA



### TERMO DE ANUÊNCIA PARA A PESQUISA

O Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha (CEZA), declara para os devidos fins que está de acordo com a execução do projeto de pesquisa intitulado: SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes e sua relação com a família, sob responsabilidade da pesquisadora Ilmara Sampaio Araújo, e da sua orientadora, Dr<sup>a</sup> Sumaia Midlej Pimentel Sá, do Curso de Mestrado, do Programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL. A pesquisa tem o objetivo de Conhecer os desejos de vida referente ao futuro pessoal e profissional em adolescentes de baixa renda frequentadores desta Organização não governamental (ONG) na cidade de Camaçari- Ba e sua relação com a família. Assumimos o compromisso de apoiar o desenvolvimento da referida pesquisa a ser realizada nessa instituição. Declaramos conhecer e cumprir as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 510/2016 do CNS. A coleta dos dados, fica condicionada a liberação da pesquisa pelo sistema CEP/CONEP.

Abrantes/Camaçari, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Atenciosamente, \_\_\_\_\_

Assinatura e carimbo do responsável institucional

**APENDICE F – TERMO DE ANUÊNCIA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO****TERMO DE ANUÊNCIA DE ATENDIMENTO PSICOLÓGICO**

Cumprindo as Resoluções Éticas Brasileiras, em especial a Resolução 510/2016 do CNS, o Serviço de Psicologia do Centro de Ação Comunitária e Filantrópica Zilda Aranha (CEZA), declara para os devidos fins que está de acordo em realizar atendimento psicológico nos adolescentes que apresentarem alguma demanda após a participação na pesquisa intitulada: SONHO DE FUTURO: Desejo de vida futura de adolescentes frequentadores de uma ONG na cidade de Camaçari-BA e sua relação com a família, sob a responsabilidade da pesquisadora Ilmara Sampaio Araújo, e orientadora, Dr<sup>a</sup> Sumaia Midlej Pimentel Sá, do Curso de Mestrado, do programa de Pós-graduação em Família na Sociedade Contemporânea, da Universidade Católica do Salvador – UCSAL.

Abrantes/Camaçari, \_\_\_\_ de \_\_\_\_\_ de \_\_\_\_\_.

Atenciosamente, \_\_\_\_\_

Assinatura e carimbo do responsável pelo serviço de psicologia

## ANEXO A – PARECER COMITÊ DE ÉTICA

DETALHAR PROJETO DE PESQUISA																							
<p><b>- DADOS DA VERSÃO DO PROJETO DE PESQUISA</b></p> <p>Título da Pesquisa: SONHO DE FUTURO: EXPECTATIVAS DE VIDA FUTURA DE ADOLESCENTES FREQUENTADORES DE UMA ONG NA CIDADE DE CAMAÇARI- BA E SUA RELAÇÃO COM A FAMÍLIA.            Pesquisador Responsável: ILMARA SAMPAIO ARAUJO            Área Temática:            Versão: 1            CAAE: 25932119.1.0000.5628            Submetido em: 20/11/2019            Instituição Proponente: ASSOCIAÇÃO UNIVERSITÁRIA E CULTURAL DA BAHIA            Situação da Versão do Projeto: Aprovado            Localização atual da Versão do Projeto: Pesquisador Responsável            Patrocinador Principal: Financiamento Próprio</p> <div style="text-align: right;">  </div> <p style="text-align: right;">Comprovante de Recepção:  PB_COMPROVANTE_RECEPCAO_1474997</p>																							
<p><b>+ DOCUMENTOS DO PROJETO DE PESQUISA</b></p>																							
<p><b>- LISTA DE APRECIÇÕES DO PROJETO</b></p> <table border="1"> <thead> <tr> <th>Apreciação ↕</th> <th>Pesquisador Responsável ↕</th> <th>Versão ↕</th> <th>Submissão ↕</th> <th>Modificação ↕</th> <th>Situação ↕</th> <th>Exclusiva do Centro Coord. ↕</th> <th>Ações</th> </tr> </thead> <tbody> <tr> <td>PO</td> <td>ILMARA SAMPAIO ARAUJO</td> <td>1</td> <td>20/11/2019</td> <td>11/12/2019</td> <td>Aprovado</td> <td>Não</td> <td>   </td> </tr> </tbody> </table>								Apreciação ↕	Pesquisador Responsável ↕	Versão ↕	Submissão ↕	Modificação ↕	Situação ↕	Exclusiva do Centro Coord. ↕	Ações	PO	ILMARA SAMPAIO ARAUJO	1	20/11/2019	11/12/2019	Aprovado	Não	   
Apreciação ↕	Pesquisador Responsável ↕	Versão ↕	Submissão ↕	Modificação ↕	Situação ↕	Exclusiva do Centro Coord. ↕	Ações																
PO	ILMARA SAMPAIO ARAUJO	1	20/11/2019	11/12/2019	Aprovado	Não	   																

## ANEXO B – CRITÉRIO DE CLASSIFICAÇÃO ECONÔMICA DO BRASIL – ABEP



### **Alterações na aplicação do Critério Brasil, válidas a partir de 01/09/2020**

A metodologia de desenvolvimento do Critério Brasil que entrou em vigor no início de 2015 está descrita no livro *Estratificação Socioeconômica e Consumo no Brasil* dos professores Wagner Kamakura (Rice University) e José Afonso Mazzon (FEA /USP), baseado na Pesquisa de Orçamento Familiar (POF) do IBGE.

A regra operacional para classificação de domicílios, descrita a seguir, resulta da adaptação da metodologia apresentada no livro às condições operacionais da pesquisa de mercado no Brasil.

As organizações que utilizam o Critério Brasil podem relatar suas experiências ao Comitê do CCEB. Essas experiências serão valiosas para que o Critério Brasil seja permanentemente aprimorado.

A transformação operada atualmente no Critério Brasil foi possível graças a generosa contribuição e intensa participação dos seguintes profissionais nas atividades do comitê:

Luis Pilli (Coordenador) - LARC Pesquisa de Marketing

Bianca Ambrósio - Kantar

Bruna Suzzara – IBOPE Inteligência

Luciano Pontes – Kantar IBOPE Media

Margareth Reis – GFK

Paula Yamakawa – IBOPE Inteligência

Renata Nunes - Data Folha

Sidney Fernandes - Kantar IBOPE Media

A ABEP, em nome de seus associados, registra o reconhecimento e agradece o envolvimento desses profissionais.

## **SISTEMA DE PONTOS**

### **Variáveis**

	Quantidade				
	0	1	2	3	4 ou +
Banheiros	0	3	7	10	14
Empregados domésticos	0	3	7	10	13
Automóveis	0	3	5	8	11
Microcomputador	0	3	6	8	11
Lava louca	0	3	6	6	6
Geladeira	0	2	3	5	5
Freezer	0	2	4	6	6
Lava roupa	0	2	4	6	6
DVD	0	1	3	4	6
Micro-ondas	0	2	4	4	4
Motocicleta	0	1	3	3	3
Secadora roupa	0	2	2	2	2

### **Grau de instrução do chefe de família e acesso a serviços públicos**

Grau de instrução do chefe da família		
Analfabeto / Fundamental I incompleto		0
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto		1
Fundamental II completo / Médio incompleto		2
Médio completo / Superior incompleto		4
Superior completo		7
Serviços públicos		
	Não	Sim
Água encanada	0	4
Rua pavimentada	0	2

### **Distribuição das classes**

As estimativas do tamanho dos estratos atualizados referem-se ao total Brasil e resultados das macrorregiões, além do total das 9 Regiões Metropolitanas e resultados para cada uma das RM's (Porto Alegre, Curitiba, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Brasília, Salvador, Recife e Fortaleza).

As estimativas para o total do Brasil e macrorregiões são baseadas em estudos probabilísticos nacionais do Datafolha e IBOPE Inteligência. E as estimativas para as 9 Regiões Metropolitanas se baseiam em dados de estudos probabilísticos do Kantar IBOPE Media (base 2019).

Classe	Brasil	Sudeste	Sul	Nordeste	Centro Oeste	Norte
1 - A	2,5%	3,1%	2,9%	1,4%	4,0%	1,1%
2 - B1	4,9%	6,2%	5,9%	2,6%	6,0%	2,3%
3 - B2	16,4%	20,3%	20,5%	9,1%	18,9%	9,3%
4 - C1	21,1%	24,3%	26,4%	14,5%	21,9%	14,9%
5 - C2	26,4%	27,0%	26,2%	25,7%	26,7%	26,1%
6 - D - E	28,7%	19,1%	18,1%	46,7%	22,5%	46,3%
Total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

Classe	9 RM'S	POA	CWB	SP	RJ	BH	BSB	SSA	REC	FOR
1 - A	4,8%	5,6%	6,0%	5,2%	2,5%	6,2%	13,0%	3,5%	3,4%	3,8%
2 - B1	6,7%	6,7%	10,2%	7,6%	5,2%	7,9%	10,5%	4,3%	4,3%	3,9%
3 - B2	19,8%	20,7%	24,5%	22,7%	18,1%	20,2%	26,0%	16,7%	11,1%	11,5%
4 - C1	22,0%	22,7%	27,0%	24,4%	21,5%	22,6%	20,5%	18,7%	15,9%	14,4%
5 - C2	27,0%	29,2%	22,4%	27,5%	29,0%	25,8%	18,2%	28,3%	26,4%	26,6%
6 - D-E	19,7%	15,1%	9,9%	12,6%	23,7%	17,3%	11,8%	28,5%	38,9%	39,8%
total	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%	100,0%

#### **Cortes do Critério Brasil**

Classe	Pontos
1 - A	45 - 100
2 - B1	38 - 44
3 - B2	29 - 37
4 - C1	23 - 28
5 - C2	17 - 22
6 - D - E	0 - 16

#### **Estimativa para a Renda Média Domiciliar para os estratos do Critério Brasil**

Abaixo são apresentadas as estimativas de renda domiciliar mensal para os estratos socioeconômicos. Os valores se baseiam na **PNADC 2019** e representam aproximações dos valores que podem ser obtidos em amostras de pesquisas de mercado, mídia e opinião. A experiência mostra que a variância observada para as respostas à pergunta de renda é elevada, com sobreposições importantes nas rendas entre as classes. Isso significa que a pergunta de renda não é um estimador eficiente de nível socioeconômico e não substitui ou complementa o questionário sugerido abaixo. O objetivo da divulgação dessas informações é oferecer uma ideia de característica dos estratos socioeconômicos resultantes da aplicação do Critério Brasil.

Estrato Sócio Econômico	Renda média domiciliar
A	22.716,99
B1	10.427,74
B2	5.449,60
C1	3.042,47
C2	1.805,91
DE	813,56
TOTAL	3.153,40



## **PROCEDIMENTO NA COLETA DOS ITENS**

É importante e necessário que o critério seja aplicado de forma uniforme e precisa. Para tanto, é fundamental atender integralmente as definições e procedimentos citados a seguir.

Para aparelhos domésticos em geral:

Devem ser considerados todos os bens que estão dentro do domicílio em funcionamento (incluindo os que estão guardados) independente da forma de aquisição: compra, empréstimo, aluguel, etc. Se o domicílio possui um bem que emprestou a outro, este não deve ser contado pois não está em seu domicílio atualmente. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

### **Banheiro**

O que define o banheiro é a existência de vaso sanitário. Considerar todos os banheiros e lavabos com vaso sanitário, incluindo os de empregada, os localizados fora de casa e os da(s) suíte(s). Para ser considerado, o banheiro tem que ser privativo do domicílio. Banheiros coletivos (que servem a mais de uma habitação) não devem ser considerados.

### **Empregados Domésticos**

Considerar apenas os empregados mensalistas, isto é, aqueles que trabalham pelo menos cinco dias por semana, durmam ou não no emprego. Não esqueça de incluir babás, motoristas, cozinheiras, copeiras, arrumadeiras, considerando sempre os mensalistas.

Note bem: o termo empregado mensalista se refere aos empregados que trabalham no domicílio de forma permanente e/ou contínua, pelo menos cinco dias por semana, e não ao regime de pagamento do salário.

### **Automóvel**

Não considerar táxis, vans ou pick-ups usados para fretes, ou qualquer veículo usado para atividades profissionais. Veículos de uso misto (pessoal e profissional) não devem ser considerados.

### **Microcomputador**

Considerar os computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks. **Não considerar:** calculadoras,

agendas eletrônicas, tablets, palms, smartphones e outros aparelhos.

### **Lava-Louça**

Considere a máquina com função de lavar as louças.

### **Geladeira e Freezer**

No quadro de pontuação há duas linhas independentes para assinalar a posse de geladeira e freezer respectivamente. A pontuação será aplicada de forma independente:

Havendo uma geladeira no domicílio, serão atribuídos os pontos (2) correspondentes a posse de geladeira; Se a geladeira tiver um freezer incorporado – 2ª porta – ou houver no domicílio um freezer independente serão atribuídos os pontos (2) correspondentes ao freezer. Dessa forma, esse domicílio totaliza 4 pontos na soma desses dois bens.

### **Lava-Roupa**

Considerar máquina de lavar roupa, somente as máquinas automáticas e/ou semiautomática. O tanquinho NÃO deve ser considerado.

### **DVD**

Considere como leitor de DVD (Disco Digital de Vídeo ou Disco Digital Versátil) o acessório doméstico capaz de reproduzir mídias no formato DVD ou outros formatos mais modernos, incluindo videogames, computadores, notebooks. Inclua os aparelhos portáteis e os acoplados em microcomputadores. Não considere DVD de automóvel.

### **Micro-ondas**

Considerar forno micro-ondas e aparelho com dupla função (de micro-ondas e forno elétrico).

### **Motocicleta**

Não considerar motocicletas usadas exclusivamente para atividades profissionais. Motocicletas apenas para uso pessoal e de uso misto (pessoal e profissional) devem ser consideradas.

### **Secadora de roupas**

Considerar a máquina de secar roupa. Existem máquinas que fazem duas funções, lavar e secar. Nesses casos, devemos considerar esse equipamento como uma máquina de lavar e como uma secadora.

### **Modelo de Questionário sugerido para aplicação**

P.XX Agora vou fazer algumas perguntas sobre itens do domicílio para efeito de classificação econômica. Todos os itens de eletroeletrônicos que vou citar devem estar funcionando, incluindo os que estão guardados. Caso não estejam funcionando, considere apenas se tiver intenção de consertar ou repor nos próximos seis meses.

**INSTRUÇÃO: Todos os itens devem ser perguntados pelo entrevistador e respondidos pelo entrevistado.**

**Vamos começar? No domicílio tem \_\_\_\_\_ (LEIA CADA ITEM)**

ITENS DE CONFORTO	NÃO POSSUI	QUANTIDADE QUE POSSUI			
		1	2	3	4+
Quantidade de automóveis de passeio exclusivamente para uso particular					
Quantidade de empregados mensalistas, considerando apenas os que trabalham pelo menos cinco dias por semana					
Quantidade de máquinas de lavar roupa, excluindo tanquinho					
Quantidade de banheiros					
DVD, incluindo qualquer dispositivo que leia DVD e desconsiderando DVD de automóvel					
Quantidade de geladeiras					
Quantidade de <i>freezers</i> independentes ou parte da geladeira duplex					
Quantidade de microcomputadores, considerando computadores de mesa, laptops, notebooks e netbooks e desconsiderando tablets, palms ou smartphones					
Quantidade de lavadora de louças					
Quantidade de fornos de micro-ondas					
Quantidade de motocicletas, desconsiderando as usadas exclusivamente para uso profissional					
Quantidade de máquinas secadoras de roupas, considerando lava e seca					

A água utilizada neste domicílio é proveniente de?	
1	Rede geral de distribuição
2	Poço ou nascente
3	Outro meio

Considerando o trecho da rua do seu domicílio, você diria que a rua é:	
1	Asfaltada/Pavimentada
2	Terra/Cascalho

**Qual é o grau de instrução do chefe da família? Considere como chefe da família a pessoa que contribui com a maior parte da renda do domicílio.**

Nomenclatura atual	Nomenclatura anterior
Analfabeto / Fundamental I incompleto	Analfabeto/Primário Incompleto
Fundamental I completo / Fundamental II incompleto	Primário Completo/Ginásio Incompleto
Fundamental completo/Médio incompleto	Ginásio Completo/Colegial Incompleto
Médio completo/Superior incompleto	Colegial Completo/Superior Incompleto
Superior completo	Superior Completo

### **OBSERVAÇÕES IMPORTANTES**

Este critério foi construído para definir grandes classes que atendam às necessidades de segmentação (por poder aquisitivo) da grande maioria das empresas. Não pode, entretanto, como qualquer outro critério, satisfazer todos os usuários em todas as circunstâncias. Certamente há muitos casos em que o universo a ser pesquisado é de pessoas, digamos, com renda pessoal mensal acima de R\$ 30.000. Em casos como esse, o pesquisador deve procurar outros critérios de seleção que não o CCEB.

A outra observação é que o CCEB, como os seus antecessores, foi construído com a utilização de técnicas estatísticas que, como se sabe, sempre se baseiam em coletivos. Em uma determinada amostra, de determinado tamanho, temos uma determinada probabilidade de classificação correta, (que, esperamos, seja alta) e uma probabilidade de erro de classificação (que, esperamos, seja baixa).

Nenhum critério estatístico, entretanto, tem validade sob uma análise individual. Afirmações frequentes do tipo “... conheço um sujeito que é obviamente classe D, mas pelo critério é classe B...” não invalidam o critério que é feito para funcionar estatisticamente. Servem, porém, para nos alertar, quando trabalhamos na análise individual, ou quase individual, de comportamentos e atitudes (entrevistas em profundidade e discussões em grupo respectivamente). Numa discussão em grupo um único caso de má classificação pode pôr a perder todo o grupo. No caso de entrevista em profundidade os prejuízos são ainda mais óbvios. Além disso, numa pesquisa qualitativa, raramente uma definição de classe exclusivamente econômica será satisfatória.

Portanto, é de fundamental importância que todo o mercado tenha ciência de que o CCEB, ou qualquer outro critério econômico, não é suficiente para uma boa classificação em pesquisas qualitativas. Nesses casos deve-se obter além do CCEB, o máximo de informações (possível, viável, razoável) sobre os respondentes, incluindo então seus comportamentos de compra, preferências e interesses, lazer e hobbies e até características de personalidade.

Uma comprovação adicional da adequação do Critério de Classificação Econômica Brasil é sua discriminação efetiva do poder de compra entre as diversas regiões brasileiras, revelando importantes diferenças entre elas.